

## A pastoral em tempos de modernidade líquida



03

A modernidade líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo

Eliton Fernando Felczak

13

Nossa “pastoral líquida” e a “nova paróquia” que queremos

Nicolau João Bakker, svd

23

A ação pastoral em tempos de mudança: modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma

Agenor Brighenti

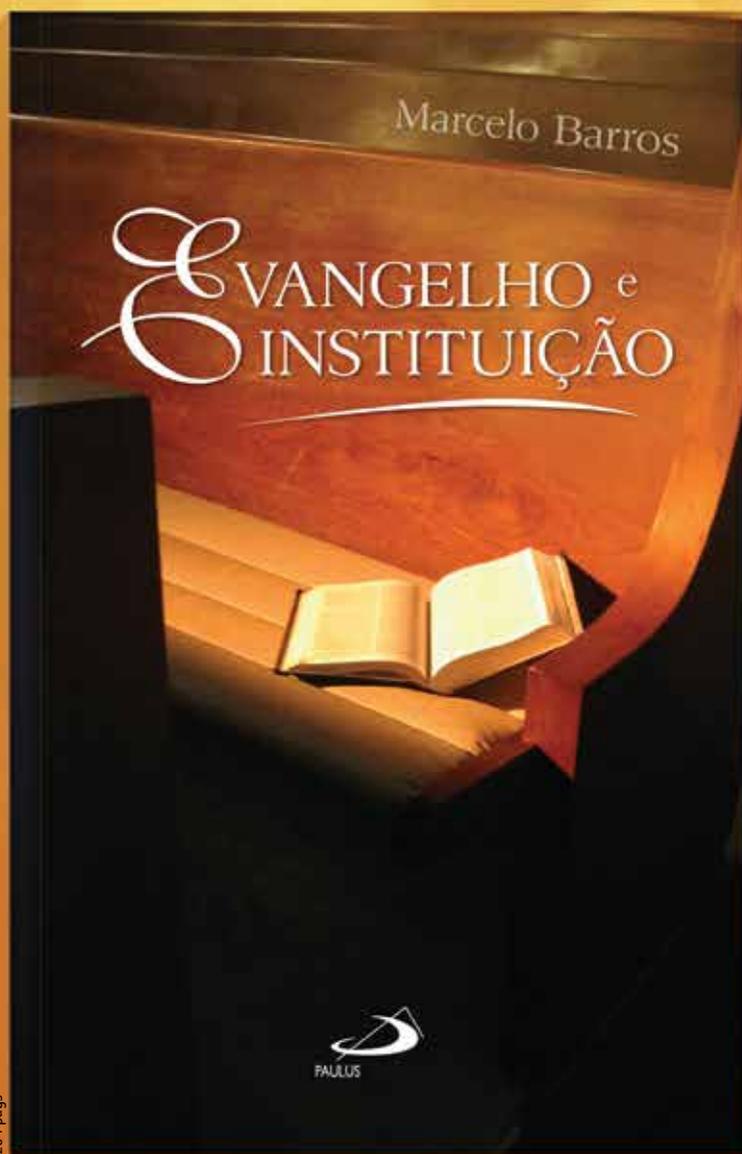
35

Roteiros homiléticos

Luiz Alexandre Solano Rossi

# CRÍTICA E DIÁLOGO PARA A EDIFICAÇÃO DA FÉ

Uma obra para a reflexão sobre a relação entre o Evangelho e a instituição da Igreja.

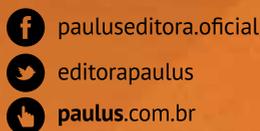


204 págs

## VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)



## Caros leitores e leitoras,

**Graça e paz!**

O contexto histórico atual, marcado por transformações aceleradas, em que “tudo o que é sólido” parece desmanchar-se no ar, foi conceituado de maneira acurada pelo pensador Zygmunt Bauman com a metáfora da “modernidade líquida”. A ideia aponta para o fato de que, no mundo de hoje, tudo tende a modificar-se ligeiramente, como as substâncias líquidas o fazem nos lugares onde são inseridas ou derramadas.

A sociedade contemporânea tem forte e constante tendência à ruptura com a tradição, como se tudo tivesse de se renovar a cada passo. Isso está presente na mentalidade e nos princípios de vida e repercute na maneira pela qual as empresas e instituições sociais procuram se renovar. O ser humano tende a um estilo de vida desenraizado, seja das tradições, seja dos ideais elevados e norteadores, o que gera vazio, carência de sentido da vida, ansiedades de todo tipo. Tende-se a transformar o ser humano em mero indivíduo consumidor ou mesmo em objeto de consumo. A suposta liberdade que se propala parece reduzir-se à escolha entre um produto ou outro. A radicalização do individualismo torna mais difícil a convivência, o que se reflete nas dificuldades da vida comunitária e familiar. Tudo isso se reflete também nas incertezas da vida cotidiana; na precariedade dos laços afetivos, profissionais e com ideais norteadores; na troca do durável pela amplitude do leque de escolhas.

Por um lado, a valorização da singularidade pessoal, da pluralidade e da diversidade é positiva; por outro, fomenta a colagem e a bricolagem de elementos, seja na vida, na cultura e nas religiões; a preferência pelo exótico e pelo que tem aparência de novo. A religião e todos os aspectos sagrados da vida

são dessacralizados, enquanto se sacralizam e se fetichizam os produtos, o consumismo, o prazer, ou ainda a religião é transformada em objeto de mercado, submetido à lei da oferta e da procura, conforme os interesses e os modismos do momento.

Tudo isso, evidentemente, remexe com vigor a Igreja católica, que – como nos lembra o padre Nicolau Bakker, em seu artigo a seguir – desde o início do segundo milênio sempre se apresentou como uma instituição muito sólida, hierarquicamente bem estruturada de alto a baixo, com limites geográficos bem definidos em dioceses e paróquias, com um governo central de poderes amplos e incontestáveis, com doutrinas e normas universais bem definidas e rígidas e com todo um aparato que lhe dava uma conotação de perpetuidade, sacralidade e inquestionabilidade.

Os artigos desta edição de *Vida Pastoral* não constituem postura de lamento ou reclamação dessa crise. As crises, se bem aproveitadas, promovem as condições necessárias para a reoxigenação da vida e, portanto, reoxigenação e renovação também da Igreja. Dessa forma, os artigos, em primeiro lugar, estimulam a lucidez do conhecimento da realidade corrente para, num segundo momento, apresentar pistas de posturas melhores como Igreja e de iniciativas pastorais diante dessas modificações todas. Em face dessa realidade, como nos aponta o padre Agenor Brighenti, há tentativas de respostas que são inconsequentes, como a pastoral de conservação e a ânsia de recuperar o passado que não volta mais. Entretanto, há bases, luzes e condições para um novo paradigma pastoral para um tempo de mudanças, capaz de integrar melhor com o mundo de hoje.

*Pe. Jakson Alencar, ssp*  
Editor

**Editora** PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO  
**Diretor** Pe. Claudiano Avelino dos Santos  
**Editor** Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP  
**Conselho editorial** Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Zulmiro Caon, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Manoel Quinta, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin  
**Ilustração da capa** Lúcio Américo de Oliveira  
**Ilustrações internas** Luís Henrique Alves Pinto  
**Editoração** Fernando Tangi

**Revisão** Tiago José Risi Leme, Alexandre Soares Santana  
**Assinaturas** assinaturas@paulus.com.br  
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011  
Rua Francisco Cruz, 229  
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP  
**Redação** © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184  
vidapastoral@paulus.com.br  
www.paulus.com.br / www.paulinos.org.br  
vidapastoral.com.br

## Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

**Para contato:**  
*E-mail:* assinaturas@paulus.com.br  
Tel.: (11) 3789-4000  
Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas  
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro  
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:  
**Banco do Brasil:** agência 0646-7, conta 5555-7  
**Bradesco:** agência 3450-9, conta 1139-8

## Livrarias Paulus

**APARECIDA – SP**  
Centro de Apoio aos Romeiros  
Lojas 44,45,78,79  
(12) 3104-1145  
aparecida@paulus.com.br

**ARACAJU – SE**  
Rua Laranjeiras, 319  
(79) 3211-2927  
aracaju@paulus.com.br

**BELÉM – PA**  
Rua 28 de setembro, 61 –  
Campina – (91) 3212-1195  
belem@paulus.com.br

**BELO HORIZONTE – MG**  
Rua da Bahia, 1136  
Ed. Arcângelo Maleta  
(31) 3274-3299  
bh@paulus.com.br

**BRASÍLIA – DF**  
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício  
Central – Loja 15 – Asa Sul  
(61) 3225-9847  
brasilia@paulus.com.br

**CAMPINAS – SP**  
Rua Barão de Jaguara, 1163  
(19) 3231-5866  
campinas@paulus.com.br

**CAMPO GRANDE – MS**  
Av. Calógeras, 2405 – Centro  
(67) 3382-3251  
campogrande@paulus.com.br

**CAXIAS DO SUL – RS**  
Av. Júlio de Castilho, 2029  
(54) 3221-7797  
caxias@paulus.com.br

**CUIABÁ – MT**  
Rua Antônio Maria Coelho, 180  
(65) 3623-0207  
cuiaba@paulus.com.br

**CURITIBA – PR**  
Pça. Rui Barbosa, 599  
(41) 3223-6652  
curitiba@paulus.com.br

**FLORIANÓPOLIS – SC**  
Rua Jerônimo Coelho, 119  
(48) 3223-6567  
florianopolis@paulus.com.br

**FORTALEZA – CE**  
Rua Floriano Peixoto, 523  
(85) 3252-4201  
fortaleza@paulus.com.br

**GOIÂNIA – GO**  
Rua Seis, 201 – Centro  
(62) 3223-6860  
goiania@paulus.com.br

**JOÃO PESSOA – PB**  
Praça Dom Adauto, S/N  
Junto à Cúria – Centro  
(83) 3221-5108  
joaopessoa@paulus.com.br

**JUIZ DE FORA – MG**  
Av. Barão do Rio Branco, 2590  
(32) 3215-2160  
juizdefora@paulus.com.br

**MANAUS – AM**  
Rua Itamaracá, 21, Centro  
(92) 3622-7110  
manaus@paulus.com.br

**NATAL – RN**  
Rua Cel. Cascudo, 333  
Cidade Alta – (84) 3211-7514  
natal@paulus.com.br

**PORTO ALEGRE – RS**  
Rua Dr. José Montauray, 155  
Centro – (51) 3227-7313  
portoalegre@paulus.com.br

**RECIFE – PE**  
Av. Dantas Barreto, 1000 B  
(81) 3224-9637  
recife@paulus.com.br

**RIBEIRÃO PRETO – SP**  
Rua São Sebastião, 621  
(16) 3610-9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

**RIO DE JANEIRO – RJ**  
Rua México, 111-B  
(21) 2240-1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

**SALVADOR – BA**  
Av. 7 de Setembro, 80  
Rel. de S. Pedro  
(71) 3321-4446  
salvador@paulus.com.br

**SANTO ANDRÉ – SP**  
Rua Campos Sales, 255  
(11) 4992-0623  
stoandre@paulus.com.br

**SÃO LUÍS – MA**  
Rua do Passeio, 229 – Centro  
(98) 3231-2665  
saoluis@paulus.com.br

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP**  
Rua XV de Novembro, 2826  
(17) 3233-5188  
riopreto@paulus.com.br

**SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ**  
Praça da Sé, 180  
(11) 3105-0030  
pracase@paulus.com.br

**SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES**  
Via Raposo Tavares, Km 18,5  
(11) 3789-4005  
raposotavares@paulus.com.br

**SÃO PAULO – VILA MARIANA**  
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207  
Metrô Vila Mariana  
(11) 5549-1582  
vilamariana@paulus.com.br

**VITÓRIA – ES**  
Rua Duque de Caxias, 121  
(27) 3323-0116  
vitoria@paulus.com.br



# A modernidade líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo

Eliton Fernando Felczak\*

*A atualidade é conceituada por Zygmunt Bauman como “modernidade líquida”, pela incapacidade de manter a forma. As relações, instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar. Nesse contexto, as vidas humanas são transformadas em objetos de consumo. O ser humano deixa de ser sujeito e passa a ser objeto na relação de compra e venda.*

\* Bacharel em Administração pela Universidade do Contestado (UnC-SC) e em Filosofia pela Faculdade São Luiz (FSL-SC), pós-graduado em Estudos Bíblicos pela Faculdade Católica de Santa Catarina (Facasc), seminarista da Diocese de Joinville-SC. E-mail: elitonff@yahoo.com.br

## Introdução

O filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman é um dos pensadores, em seu âmbito de atuação, que alimentam reflexões sobre a realidade consumista na qual o ser humano está inserido. Sua pesquisa não se limita a uma só área da academia: abrange a sociologia, a filosofia e a ciência política, analisando as complexas relações nas quais as pessoas se movem. Para o autor, o consumo é uma teia de relações bem construída em que não restam muitas alternativas na luta pela sobrevivência.

O ser humano, ancorado no discurso consumista, vive a sua vida sem se questionar sobre o que realmente acontece à sua volta. Vive-a como espectador, não como protagonista. Num ambiente incerto como o atual, o consumo aparece como resposta à satisfação das ansiedades dos indivíduos. Isso é fundamental para compreender Bauman, quando aponta a transformação da vida humana em objeto de consumo na contemporaneidade.

A comodificação ou recomodificação das vidas humanas constitui longo processo que se iniciou na sociedade moderna e se torna



visível no cenário da sociedade contemporânea. Bauman a define como “modernidade líquida”, devido às mudanças rápidas que ocorrem sem haver um embasamento firme ou algo que dê forma. A ideia é adaptar-se às situações como a água faz, de acordo com o recipiente em que é inserida.

O presente artigo justifica-se inicialmente pela valoração da vida humana diante de toda estrutura e qualquer regulamento vigente. A estrutura existe para auxiliar o ser humano, e não o contrário, como apregoa a modernidade líquida. Nesse ambiente, a pessoa é tratada como uma engrenagem da máquina chamada consumo. Deve alimentar o sistema com a sua vida, sem perceber que também é um objeto de desejo a ser exposto no mercado de compra e venda.

## 1. Modernidade líquida

O ser humano vive em um novo período da história, sendo diversos os termos e conceitos utilizados para descrever esse contexto. Um dos conceitos mais usados para definir esta fase histórica é “modernidade”. Semelhante termo soa redundante, por incluir toda a realidade que circunda. Zygmunt Bauman define a modernidade como “líquida”, fluida, a impermanência e a constante mudança de forma nela verificadas nunca têm um término:

O conceito de sociedade líquida caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “autoevidentes”. Sem dúvida a vida moderna foi desde o início “desenraizada”, “derretia os sólidos e profanava os sa-

grados”, como os jovens Marx e Engels notaram. [...] A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições (PALLARES-BURKE, 2004, p. 304-305).

**“Na modernidade líquida, as comunidades tendem a se reunir em torno do entretenimento, de celebridades, de ídolos e não de ideais éticos.”**

Bauman conceitua a modernidade como líquida devido à sua fluidez e mobilidade, conforme os recipientes apresentados para serem preenchidos. Isso não ocorre com os sólidos, pois estes têm forma definida e não se flexibilizam com as pressões impostas. Apropriando-se de uma afirmativa de Marx, Marshall Berman define esse fenômeno com a máxima: “Tudo o que é sólido desmancha no ar”.

A liberdade adquirida surgiu com o derretimento dos sólidos, tirando o indivíduo da terra firme e levando-o ao oceano das incertezas. A passagem para o estágio final da modernidade não produziu maior liberdade individual: “Não no sentido de maior influência na composição da agenda de opções ou de maior capacidade de negociar o código de escolha. Apenas transformou o indivíduo de cidadão político em consumidor de mercado” (BAUMAN, 2000, p. 84). A liberdade obtida nos tempos atuais é ilusória. A pessoa vive sempre na incerteza, pois sempre há a possibilidade de uma escolha melhor. O pensamento não é mais denso e ordenado, mas leve e desordenado, para poder abarcar tudo o que a vida pode oferecer.

Para caracterizar a modernidade líquida, Bauman faz uma diferenciação no modo pelo qual as vidas humanas convivem. As comunidades existentes na modernidade sólida eram éticas. Bauman também as chama de compreensivas e duradouras, ou seja, genuínas. Elas se baseavam em normas e



objetivos, nos quais os destinos eram partilhados visando à sua permanência. Na modernidade líquida, ocorre o inverso; Bauman designa suas comunidades como estéticas. Elas se reúnem em torno do entretenimento, de celebridades e de ídolos. Essas comunidades estéticas, comunidades-cabide, dificilmente oferecem laços duradouros a seus membros.

As comunidades estéticas não permitem a condensação das comunidades éticas. Impedem a sociabilidade entre as pessoas e, assim, contribuem muito para a perpetuação da solidão do homem moderno. Para isso tornar-se possível na modernidade líquida, com o dismantelamento da modernidade sólida, foi preciso adotar nova racionalidade. Surge um indivíduo diferente de tudo o que se viu na história humana. O ser humano líquido é um dos reflexos do novo jeito de pensar, no qual “virtualmente todos os aspectos da vida humana são afetados quando se vive a cada momento sem que a perspectiva de longo prazo tenha mais sentido” (PALLARES-BURKE, 2004, p. 322). A certeza está na constante mudança, devendo cada indivíduo buscar por si próprio uma maneira de melhor sobrevivência.

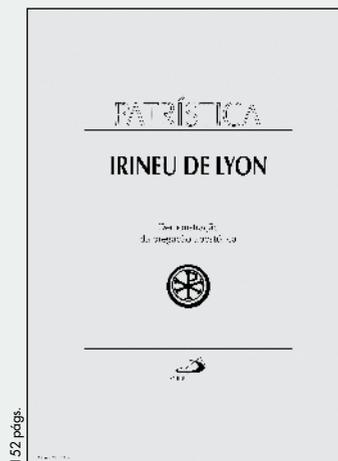
## 2. Vida humana

Bauman entende que o ser humano atual é um produto do que acontece na modernidade líquida. Nos seus escritos, ele aborda o indivíduo como alguém que integra uma sociedade e responde a ela, modelando-se aos seus ditames. A corrente filosófica chamada “estruturalismo” serve de parâmetro para compreender esse pensamento do filósofo e sociólogo polonês. Segundo essa escola, “a categoria ou ideia de fundo não é o *ser*, mas a *relação*, não é o *sujeito*, mas a *estrutura*. [...] Os homens não têm significado e *não existem* fora das relações que o instituem e especificam o seu comportamento” (REALE; ANTISERI, 2008, p. 83).

### Patrística

#### demonstração da pregação apostólica

*Irineu de Lyon*



O Catecismo de Santo Irineu (século II), ou melhor, a Demonstração da pregação apostólica, é uma valiosa obra do primeiro teólogo sistemático da Igreja, que estava desaparecida e foi tornada conhecida ao mundo moderno há pouco mais de um século. Na obra, Irineu pretendeu, literalmente, demonstrar a verdade do Evangelho por meio de profecias do Antigo Testamento que foram cumpridas por Jesus Cristo, o Verbo encarnado. De caráter apologético, a Demonstração não é um catecismo para iniciantes na fé, mas um “catecismo superior”, cuja fundamentação racional e escriturística enriquece a fé cristã.

*Ingressos meramente ilustrativos.*

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





As relações atravessam toda a obra de Bauman, que vê o ser humano transformado numa estrutura flexível programável para o consumo. As interações sociais e os laços afetivos estão cada vez mais fracos, devido à modernidade líquida. Tudo passa a ter um cunho econômico, focalizando a materialidade nas relações (cf. BAUMAN, 2007, p. 18). O mundo atual oferece muitas escolhas e cada um pode agarrar uma oportunidade e levá-la consigo no seu cotidiano. “Afim de contas, perguntar ‘quem você é’ só faz sentido se você acredita que pode ser outra coisa além de você mesmo” (BAUMAN, 2005, p. 25). Na época líquido-moderna, o mundo está repartido em fragmentos mal ajustados e as existências individuais seguem o mesmo parâmetro. Elas estão fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.

Identidade é uma das palavras que vêm ganhando mais espaço atualmente, quando se faz referência à vida humana e ao papel do indivíduo no meio em que vive. Se no passado a “arte da vida” consistia em encontrar os meios adequados para realizar os fins propostos, agora se trata de testar, um após o outro, todos (as inúmeras possibilidades) os fins, de acordo com os meios ao alcance. A construção da identidade é infundável, pois seus experimentos nunca terminam. Quando o indivíduo assume uma, existem outras aguardando a sua vez. A liberdade de escolher uma identidade que esteja à disposição no mercado de consumo acaba sendo um valor em si mesmo.

A liberdade do indivíduo ante os mecanismos da mídia de massa refere-se à escolha entre o leque de possibilidades oferecido. O indivíduo é livre desde que seja maleável perante as investidas dos modismos criados e desmontados pelos meios de comunicação de massa:

“O mundo está repartido em fragmentos mal ajustados e as existências individuais seguem o mesmo parâmetro.”

Esta insistência na não fixidez, na liberdade de manobra, na prontidão para acrescentar e absorver novas experiências e novas ocasiões de prazer, seja o que for que essas ocasiões venham a mostrar ser, adequa-se, em última análise, com a contingência essencial, e com o caráter episódico e fragmentado, “não sistêmico”, da existência pós-moderna. [...] O traço mais vincado da “qualidade de vida” é existir sempre sob a forma de uma imagem, ao mesmo tempo em que essa imagem se encontra em perpétua mudança (BAUMAN, 1995, p. 86).

O protótipo do homem modulado deve ser provisório e não universalizante. Foi justamente isso que a modernidade líquida fez na formação da identidade dos indivíduos. Trata-se de processo contínuo e incessante. A cópia de modelos prontos e acabados pela mídia é algo que se aplica com eficácia ao indivíduo modulado, que não deixa de ser alguém que consome. O único personagem que os praticantes do mercado podem e querem reconhecer e acolher é o *Homo consumens*: “o solitário, autorreferente e auto-centrado comprador que adotou a busca pela melhor barganha como uma cura para a solidão e não conhece outra terapia” (BAUMAN, 2004, p. 86). Ele é o único capaz de manter a economia em movimento, sem questionar as influências que levam a seguir determinado exemplo e depois descartá-lo como se troca de roupa.

### 3. Consumo

O consumismo é um conceito novo nos dicionários de ciências humanas, especialmente nos de filosofia. O termo começa a sair do âmbito estritamente econômico e socioló-



gico, ganhando um significado dentro da filosofia: quando o ser humano deixa de ser sujeito e passa a ser objeto na relação de compra e venda. Anteriormente à primeira metade do século XVIII, época em que a Revolução Industrial começava a se propagar, poucas referências são encontradas sobre o consumo, como é entendido atualmente.

O consumidor estava virtualmente ausente do discurso do século XVIII. De modo significativo, só aparece em sete dos 150 mil trabalhos da coleção *on-line* sobre esse século – duas vezes como cliente privado, [...] uma como cliente que sofre com os altos preços dos comerciantes e [...] três em referência ao tempo (“o veloz consumidor de horas”) (TRENTMANN, *apud* BAUMAN, 2008, p. 71).

O consumo era visto como um componente secundário, com pouca relevância para as teorias econômicas e, menos ainda, para a vida cotidiana concreta. Não aconteceu nenhuma mudança radical no século seguinte, apesar do aumento expressivo e bem documentado nas práticas de vendas, na publicidade e nas lojas.

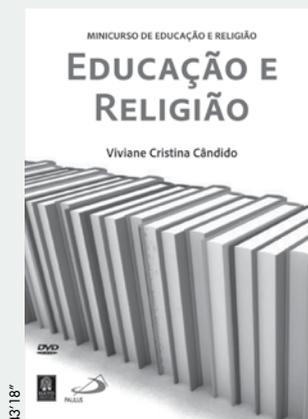
Não há nada desligado das estruturas econômicas vigentes. A tese do fetichismo da mercadoria de Marx também é conhecida como alienação. Segundo essa tese, objetos tornam-se sujeitos e as pessoas tornam-se objetos, ocorrendo uma inversão radical de valores. Com efeito, o ser humano foi sendo coisificado cada vez mais no capitalismo. Está arraigada na sociedade atual a noção de que tudo o que o ser humano produz é algo vendável ou apresentável com o intuito de obter proveito próprio. A pessoa tenta passar uma imagem de desejo às outras como se fosse uma mercadoria à venda em uma loja.

O consumo em si não tem um núcleo, mas, sim, várias estruturas que servem para que ele se perpetue continuamente. Para elaborar uma visão coesa dos consumidores e

## DVD – Educação e religião

### Minicurso de educação e religião

Viviane Cristina Cândido



Somos seres indivisíveis, não podemos separar e contrapor nossas experiências estudantis, profissionais, amorosas, familiares, religiosas. Somos seres em relação, carentes do aprendizado do diálogo e da relação com o diferente. Este DVD pretende apresentar fundamentos para que o entrelaçamento entre Educação e Religião contribua para diálogo com o diferente e a convivência na diferença!

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





de suas estratégias de vida, deve-se “reconhecer que esses mercados estão necessariamente incrustados em complexas matrizes políticas e culturais que conferem aos atos de consumo sua ressonância e importância específicas” (BAUMAN, 2008, p. 34).

O processo acontece de forma sutil, a ponto de o indivíduo nem perceber o quanto é modelado à racionalização da modernidade líquida. “O consumo, pelo fato de possuir um sentido, é uma atividade de manipulação sistemática de signos” (BAUDRILLARD, 1993, p. 206). Entra aí o papel das forças econômicas que determinam e direcionam as escolhas dos consumidores, visando ao seu proveito. Nesse jogo de interesses, o Estado vem sendo capitalizado e orientado pelos grupos econômicos a propagar o estilo consumista de viver aos seus cidadãos.

“Quando o Estado reconhece a prioridade e superioridade das leis do mercado sobre as leis da *pólis*, o cidadão transforma-se em consumidor” (BAUMAN, 2000, p. 59). Ele torna-se cada vez mais individualista, pensando em seus próprios ganhos, enquanto aceita cada vez menos a necessidade de participar no governo do Estado. Aumenta a distância entre o ideal de democracia e a sua versão real existente. O que interessa ao cidadão é o consumo próprio, reduzindo-se o mundo a uma gigantesca loja de departamentos, com prateleiras cheias das mais variadas ofertas.

O questionamento básico sobre o consumo atualmente é que ele foi redimensionado, passando da ideia de compra de mercadoria e serviços para a da configuração de novas relações sociais, principalmente no âmbito cultural. No contexto atual em que o ser humano se insere,

[...] ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e nin-

guém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a *transformação dos consumidores em mercadorias* (BAUMAN, 2008, p. 20).

“O sonho dos consumidores é tornarem-se agradáveis no mercado das pessoas.”

O sonho dos consumidores é tornarem-se agradáveis no mercado das pessoas. Para isso, devem destacar-se da massa uniforme, usando tecnologias que o mercado consumidor oferece. É uma estrutura que se retroalimenta. Na sociedade de produtores, as pessoas eram valorizadas pelo papel que desempenhavam e seu desempenho financeiro era um prêmio para medir o valor e a dignidade delas segundo sua produção. No novo modelo consumista imediato, o que interessa é a capacidade de consumir, mesmo que não haja grandes rendimentos.

A forma de planejar e organizar a vida na modernidade líquida é antagônica à da modernidade sólida. As relações devem ser estabelecidas a curto prazo, aproveitando as chances que a vida oferece, abandonando as anteriores como quem troca de roupa. Planejamentos para a vida toda parecem ridículos, pois sacrificam os desejos momentâneos em vista de algo posterior no futuro.

As estratégias de *marketing* que faziam parte do âmbito econômico passam a atuar no âmbito existencial. Os objetos de consumo e as vidas humanas adquirem equivalên-



cia. Isso porque o consumo ganha nova significação na modernidade líquida, segundo Bauman. É o processo no qual as vidas humanas se transformam em objetos de consumo, indo muito além da simples ideia de compra e venda de mercadorias.

O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (mesmo que raras vezes declarado com tantas palavras e ainda com menos frequência debatido em público) não é a satisfação de necessidades e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: *eleva a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis*. [...] *Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade* (BAUMAN, 2008, p. 76).

Os indivíduos devem observar os mesmos parâmetros que gostariam fossem seguidos pelos produtos a serem consumidos. São atraídos às lojas com o objetivo de “encontrar ferramentas e matérias-primas que podem (*e devem*) usar para se fazerem ‘aptos a serem consumidos’ – e, assim, valiosos para o mercado” (BAUMAN, 2008, p. 82). Longe de ser fácil, essa é uma tarefa extremamente angustiante para os consumidores, devido à volatilidade do mercado e a inexistência de um porto seguro.

Na academia, a voz de Bauman soa como denúncia da transformação do ser humano em mercadoria no âmbito da modernidade líquida. A doutrina é incutida desde a educação escolar e os meios de comunicação, amarrando a pessoa dentro de uma estrutura consumista. “É melhor que as crianças se preparem desde cedo para o papel de consumidores/compradores ávidos e informados – preferivelmente desde o berço. O dinheiro gasto no seu treinamento não será desperdi-

## Livro do terço dos homens Manual completo e explicativo

Dom Gregório Paixão, OSB



O *Terço dos Homens* deseja resgatar, para o seio da Igreja de Cristo, os homens de todas as idades, classes e culturas, pois é notória a sua presença em todas as atividades humanas, mas com visível ausência nas fileiras da Igreja. Entretanto, o *Terço dos Homens* quer atingir toda a família dos participantes, colaborando com a formação de lares cristãos, de convivência harmônica e verdadeiras expressões da fé católica.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





çado” (BAUMAN, 2007, p. 142). A mentalidade consumista perpassa toda a vida humana, transformando as atividades cotidianas em algo que pode ser mercantilizado. As relações com os outros seres humanos, incluindo os amigos e membros da família, passam a ser vistas em termos de mercado, devido à mentalidade consumista. A “mercadorização” das vidas humanas é o estágio mais violento do capitalismo parasitário.

## Conclusão

Não há como negar o papel do consumo na construção da modernidade, da ética e da própria antropologia na atualidade. Com o consumo, Bauman busca explicar a forma de viver dos seres humanos. O autor traz o termo *consumo* para dentro do campo da filosofia, indo além das abordagens então existentes nos campos da economia, da sociologia e da psicologia.

O consumo, na visão de Bauman, é a transformação da vida humana em mercadoria, noção que remete à segunda tese de Marx, o fetichismo da mercadoria. Essa tese possui dimensão normativa, sendo parcialmente válida no pensamento sociológico contemporâneo. Marx diz que o fetiche recorre à região nebulosa da crença. Os objetos tornam-se sujeitos e as pessoas viram objetos, numa total inversão de valores.

As relações sociais e os laços afetivos estão cada vez mais vulneráveis na modernidade líquida. O cunho mercadológico passa a interferir nas relações afetivas, focalizando a materialidade do ser humano. Nunca houve tanta liberdade na escolha de parceiros nem tanta variedade de modelos de relacionamentos; no entanto, nunca os casais se sentiram tão ansiosos e prontos para rever ou reverter o rumo da relação. A relação deixa de existir

quando sua utilidade e seu prazer já não despertam o interesse do indivíduo, que pode substituí-la sem se importar com os sentimentos da outra pessoa.

A insatisfação nas relações revela profundamente uma insatisfação consigo mesmo, ou seja, por mais que o indivíduo esteja sempre atualizado, nunca será a melhor mercadoria no mercado da afetividade. O medo e a ansiedade de ficar de fora são eminentes. Essa situação é reafirmada na mídia com os “reality shows”, como, por exemplo, o *Big Brother*. A eliminação e o descarte são constantes e todos correm o risco de sair de cena, mesmo que cumpram corretamente as obrigações.

Os *sites* de relacionamento criam cada vez mais espaços para confissões públicas da vida íntima dos indivíduos.

Isso para que as especificações das mercadorias sejam “bem-feitas”, a fim de chamar a atenção de possíveis pretendentes que queiram estabelecer um relacionamento. A vida interior de cada um é exposta na mídia, já não sabendo os adolescentes diferenciar o que pertence ao público e ao privado. Na busca de serem atraentes e famosos, dificilmente os jovens pensam em construir uma carreira sólida nos campos da arte, da ciência, da filosofia, da tecnologia, entre outros. Querem tornar-se celebridades e ser desejados como objetos de consumo, mesmo que por breve momento.

Destaca-se atualmente o grande uso de antidepressivos. Na sociedade de consumidores, nem todos conseguem ser celebridades ou a melhor opção no mercado. Precisam ser lembrados para serem valorizados e não conseguem superar o descarte. O sofrimento e o modo de aliviar as dores também alimentam o sistema, pois pensam que com medicamentos podem resolver o problema. As pes-

“A pessoa acredita que é livre, mas no fundo suas escolhas são fabricadas e apresentadas em uma gama de possibilidades preestabelecidas.”



soas passam a acreditar que, para cada problema, há uma solução na loja. Não foi provado que essa nova atitude diminui as dores humanas; no entanto foi comprovado, além de qualquer questionamento, que a induzida intolerância à dor é fonte inesgotável de lucros comerciais.

Ressalta-se que o consumo aliena a vida humana de sua capacidade de refletir, pois o uso livre e consciente da razão limitaria a manipulação. Tem forte influência no consumo a exaltação do tempo presente em detrimento do passado e do futuro. Na vida “agorista” dos indivíduos na modernidade líquida, o motivo da pressa é, em parte, o impulso de adquirir e juntar. Mas o motivo que torna a pressa de fato imperativa é a necessidade de descartar e substituir. Verifica-se que o nível da velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento.

As metanarrativas cederam lugar a informações e dados pontuais. O imanentismo presente na vida das pessoas implica explorar e fazer o momento em que se vive de prazer um instante eterno. Essa nova racionalidade não deixa de ser a procura de algo sólido em que se possa ancorar em confronto com a breve existência.

O capitalismo parasitário é que propuliona essa ansiedade de construir-se a si mesmo com a cultura de consumo. Consumir, em Bauman, nada mais é do que o homem investir na avaliação social de si próprio. Na sociedade de consumidores, traduz-se como vendabilidade. Isso significa obter as qualidades necessárias para atender a demandas de mercado, tornando-se atraente. As dívidas ocorrem na opção por novos produtos, ainda que não possuam o poder aquisitivo para tanto. Essas pessoas nunca foram presas em cadeias, mas encontram-se presas às mercadorias que compraram ou haverão de adquirir. O prazer da compra não dura mais que

## Liturgia da Palavra I Reflexões para os dias de semana

Pe. José Carlos Pereira



## Liturgia da Palavra II Reflexões para os domingos, solenidades, festas e memórias

Pe. José Carlos Pereira



As obras Liturgia da Palavra I e Liturgia da Palavra II apresentam um roteiro de reflexões diárias, de fácil compreensão. Liturgia da Palavra I aprofunda a liturgia diária: tempo de advento, tempo do natal, tempo da quaresma e tempo comum. Liturgia da Palavra II aborda os domingos, solenidades, festas e memórias.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





uma semana, e a dívida talvez perdure anos. Alguém deve ganhar com isso, pois alimenta continuamente a roda da economia. Esse endividamento pode ir além da concepção monetária, sendo a vida exaurida e sugada pelo sistema econômico. A pessoa acredita que é livre, mas no fundo suas escolhas são fabricadas e apresentadas em uma gama de possibilidades preestabelecidas.

Se designamos como otimista a pessoa que entende que a humanidade está vivendo na melhor das possibilidades e o pessimista

como aquele que desconfia que o seu oponente esteja certo, Bauman não é otimista nem pessimista na sua descrição do homem como mercadoria, mas relata a situação atual e como ela veio a tornar-se manifesta. O autor acredita que outro mundo – alternativo e, quem sabe, melhor – seja possível e que os seres humanos sejam capazes de tornar real essa possibilidade. Mas também – infelizmente – que talvez os indivíduos prefiram ignorar os acontecimentos e continuar a viver na “menoridade”. ●

## Bibliografia

BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BAUMAN, Z. *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.

\_\_\_\_\_. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Revista tempo social – USP*, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia: de Freud à atualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. v. 7.

Conheça nossa  
página na internet  
[vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)





# Nossa “pastoral líquida” e a “nova paróquia” que queremos

Nicolau João Bakker, svd\*

*Desde o início do segundo milênio, nossa Igreja sempre se apresentou como uma instituição sólida, hierarquicamente bem estruturada, com limites geográficos bem definidos, com um governo central de poderes amplos e incontestáveis, com doutrinas e normas universais rígidas. A modernidade e a chamada “pós-modernidade” arranharam esse modelo por todos os lados. Procurando pistas para situar-se diante desse contexto, é importante valorizar o legado do Vaticano II.*

\* Missionário do Verbo Divino, sacerdote, cientista social e pastoralista. Atuou sempre em paróquias, rurais e urbanas. Durante diversos anos lecionou Pastoral no Instituto de Teologia de São Paulo (Itesp) e coordenou programas contra a violência urbana e de formação de lideranças numa ONG de direitos humanos e educação popular (CDHEP/CL), São Paulo. Atualmente atua na pastoral paroquial de Diadema-SP. E-mail: nijlbakker@hotmail.com

## Introdução

O título já deixa bem claro quem mais me inspira neste artigo: Zygmunt Bauman, o grande pensador polonês da atualidade. Para esse autor, a nossa assim chamada pós-modernidade se caracteriza, antes de tudo, pela perda de solidez das antigas instituições, tradições e convicções, como fica evidente nos seus “best-sellers” *Amor líquido*, *Modernidade líquida* e *Vida líquida*. Na introdução a um dos seus livros mais recentes, *Tempos líquidos* (2007), Bauman elenca alguns dos efeitos mais deletérios do processo – agora consolidado – da cultura atual: as antigas organizações sociais, mais estáveis, dissolveram-se e as novas não oferecem a mesma estabilidade, pois elas “decompõem-se mais rápido que o tempo que leva para moldá-las”; da mesma forma, as instituições tradicionais e os padrões comuns de comportamento perderam sua capacidade de pautar as rotinas individuais, pois tudo “se dissolve” no grande “viveiro de incertezas” que marca nossa modernidade avançada.



O mundo à nossa frente, então, está perdido? O autor afirma que não pretende oferecer soluções, mas apenas apontar para os sintomas da doença. Cada um ou cada uma de nós que tire as suas conclusões e calcule com quantos paus vai fazer sua canoa. É o que vamos tentar fazer neste artigo. Vou falar da nossa “pastoral líquida”, mas, em vez de apontar apenas para os sintomas, gostaria de também apontar para possíveis soluções. Bauman, porém, alerta-nos: a “globalidade” é agora a marca principal do nosso mundo, e as soluções locais – as únicas que estão ao alcance das nossas mãos – tornam-se inviáveis à medida que, cada vez mais, se confrontam com impedimentos globais. Com essa perspectiva em mente, olhemos agora para alguns dos problemas pastorais que mais nos desafiam.

**“A chamada pós-modernidade se caracteriza, antes de tudo, pela perda de solidez das antigas instituições, tradições e convicções.”**

## 1. Que Igreja queremos?

Estamos ainda na comemoração dos 50 anos do Concílio Vaticano II (1962/65). A constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, talvez tenha sido o documento mais esperado de todo o Concílio. Após décadas de grande efervescência renovadora nas áreas bíblica, litúrgica, ecumênica, social e teológica, todos sonhavam com uma Igreja inteiramente renovada. Sem dúvida merece destaque o persistente trabalho intelectual do eminente teólogo francês Yves Congar (†1995). Condenado por Roma, foi consolado pelo cardeal Suhard: “Não se preocupe, irmão, daqui a 20 anos todos pensarão como você!” Tornou-se, de fato, o grande “eclesiólogo” do Concílio, tendo sido feito cardeal por João Paulo II, em 1994. Que grande mudança ocorreu?

### 1.1. Da eclesiologia “líquida”

Desde o início do segundo milênio, nossa Igreja sempre se apresentou como

uma instituição sólida, hierarquicamente bem estruturada de alto a baixo, com limites geográficos bem definidos em dioceses e paróquias, com um governo central de poderes amplos e incontestáveis e com doutrinas e normas universais rígidas, enfim, com todo um aparato que lhe dava uma conotação de perpetuidade, sacralidade e inquestionabilidade. Passada a primeira fase mais “carismática” da Igreja – mais fiel ao Espírito de Pentecostes – e tendo sido vítima, na fase posterior, de grande ingerência estatal, especialmente depois que o imperador Teodósio I, em 380, fez do cristianismo a religião oficial do Império Romano, a Igreja começou a reclamar, crescentemente,

maior autonomia espiritual em relação aos poderes públicos. A assim denominada “reforma gregoriana”, do papa beneditino Gregório VII (†1085), é vista como o início de longa fase em que a Igreja inverte o jogo e começa a exercer forte controle – não apenas espiritual – sobre os poderes públicos. Os papas se tornam as autoridades máximas do continente europeu.

O cristianismo vai se “inculturando”, primeiramente no império e depois em meio aos povos “bárbaros” que conquistaram o território. Aos poucos a religiosidade cristã se torna tão natural quanto o ar que se respira. As sociedades se sucedem. As culturas locais variam e a piedade popular se adapta a elas, mas, em seu conjunto, a cristandade é fruto de uma única concepção de Igreja: ela é como uma “sociedade perfeita” – no seu governo, na sua doutrina, na sua legislação e organização e na sua conduta moral –, e é ela que todas as sociedades devem se submeter. Todo o segundo milênio é marcado, preponderantemente, por uma única eclesiologia: a Igreja, tal qual se apresenta, é fundada e intencionada por Jesus. Sua verdade é única, sua lei san-

ta e sua conduta são, basicamente, impecáveis. Uma eclesiologia mais sólida do que essa é dificilmente imaginável.

A modernidade veio arranhar esse modelo por todos os lados. Na sua essência, a modernidade é a substituição da hegemonia da Tradição da Igreja pela hegemonia da Razão humana. A partir do século XIV, um número crescente de intelectuais – primeiro do Renascimento, depois do Iluminismo – e, também, de representantes das ciências começa a “relativizar” ou até combater o pensamento e o poder hegemônicos da Igreja. Dentro da própria Igreja, o muito apreciado legado de São Tomás de Aquino (†1274) também começa a produzir frutos. Não pode haver oposição entre a fé e a razão, opinava Tomás, pois ambas se originam em Deus. A verdade é “a conformidade da coisa com a inteligência”. A fé precisa da razão. Uma falsa interpretação da realidade leva a uma falsa concepção de Deus (error circa creaturas redundat in falsam de Deo sententiam). Em termos de eclesiologia sólida ou líquida, podemos dizer que São Tomás, com essa postura, inventou o liquidificador. Nos séculos seguintes, os teólogos da Igreja partirão cada vez mais não da autoridade doutrinária eclesiástica, mas da própria racionalidade científica.

No século XIX, J. A. Möhler (†1838), da famosa escola teológica de Tübingen (Alemanha), ressalta que o lado visível, institucional, da Igreja não é o principal. Ela depende, substancialmente, do lado invisível e místico, quer dizer, da presença e ação do Espírito. Em *REB* 291/2013, Antônio Luiz Catelan Ferreira faz breve resumo do processo. Sensível ao clima cultural do tempo – o romantismo da época põe em evidência a historicidade e a dimensão vital, interior, do ser humano –, Möhler busca inspiração na Igreja dos primeiros séculos. Encontra uma Igreja “encarnada”, de muitas faces, sim, mas, fundamentalmente, um só “corpo místico de Cristo”. Sua reinterpretação da

## Dia a dia com o evangelho 2015

**Texto e comentário - Ano B - São Marcos**

Pe. Luiz Miguel Duarte



Dia a dia com o Evangelho traz o trecho do Evangelho de cada dia lido na liturgia, acompanhado de uma reflexão, centrada no texto bíblico ou no tema da liturgia do dia. Este livro quer ser um instrumento de oração e contemplação, em vista de uma união mais estreita com Jesus. Dia a dia com o Evangelho é um auxílio precioso para que, no cotidiano cada vez mais marcado pela pressa, nossas irmãs e nossos irmãos possam sentir a presença de Cristo e assim animar-se na missão de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. Que as palavras aqui escritas possam se tornar vida!

*Ingenere meramente illustrativis.*

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





Igreja-sociedade já manifesta claramente a racionalidade teológica – a “liquidação” – em andamento. A eclesiologia do século XX – também chamado “século da Igreja” – deve muito ao trabalho de Möhler. Surgem novas concepções de Igreja à medida que se fortalecem os movimentos bíblico, litúrgico, ecumênico e social. A encíclica *Mystici Corporis*, do papa Pio XII (1943), unindo as dimensões societária e mística, representa um marco de superação, mas, de forma alguma, representou um ponto final. M. D. Koster (em *Ekklesio-logie im Werden*, Paderborn, 1940), nessa mesma época, já propõe substituir a noção de corpo místico pelo de “povo de Deus”. A teologia do laicato e uma crescente preocupação social estão em busca de uma definição menos espiritualizante e mais existencial. Logo antes do Vaticano II, J. Hamer (em *L'Église est une communion*, Paris, 1962) propõe o conceito de “comunhão”, considerado mais apto a expressar a união entre os elementos exteriores e interiores da Igreja, além de ser mais fiel às noções bíblicas de *koinonia* e *communio*.

O Concílio Vaticano II recolhe todo esse processo de renovação. Não apenas a *Lumen Gentium*, mas praticamente todos os documentos conciliares revelam um novo rosto de Igreja: uma Igreja menos autoritária e mais aberta para ouvir; uma Igreja não prioritariamente hierárquica, mas ministerial; uma Igreja não acima do mundo, mas encarnada nele, atenta aos sinais do tempo; uma Igreja menos dogmática e mais dócil à voz do Espírito, audível na voz do povo (*sensus fidelium*); uma Igreja mais ecumênica, abrindo espaço para uma salvação além-fronteiras; uma Igreja que abre as portas para a responsabilidade leiga; uma Igreja fiel ao princípio da colegialidade e da comunhão;

uma Igreja toda ela servidora, nascida do batismo; uma Igreja sem estados de perfeição, mas com vocação universal à santidade; uma Igreja pobre, comprometida com os pobres; enfim, não uma Igreja-sociedade, mas uma Igreja-comunidade, Povo de Deus a caminho. Uma Igreja não fechada em sua Tradição, mas, como dizia Congar, sempre aberta a se refazer todos os dias; fiel, sim, à Palavra revelada, mas também fiel ao Deus que continua se revelando no coração da história e no coração do povo. O padre Libanio, de saudosa memória, chamou essa mudança eclesiológica de “passagem do geocentrismo hierárquico para o heliocentrismo de povo de Deus”. O mesmo Libanio observa, porém, que, no Sínodo de 1985, o teólogo Ratzinger, descontente com o “democrático” conceito de Povo de Deus, o substituiu pelo da comunhão!

Mais importante do que fazer citações cansativas, parece-me importante lembrar aqui a tese central de Zygmunt Bauman: na modernidade, tudo que era sólido – tradições, doutrinas, comportamentos – torna-se líquido, pois tudo é submetido a um processo pluriforme e ininterrupto de racionalização. A cada tempo o seu quinhão. Águas passadas não voltam mais. Cada cidadão e cada cidadã conquistaram, para sempre, o sagrado direito de ter sua opinião e de viver em conformidade com ela. Na modernidade, a Igreja da “Tradição” cede lugar à Igreja da “opção”, e as opções eclesiológicas, hoje, são muitas. Um verdadeiro “supermercado”, diria P. Berger.

## 1.2. A eclesiologia líquida na América Latina e no Brasil

Medellín (1968), todo o mundo reconhece, foi a adaptação criativa do Vaticano II ao contexto latino-americano. Qual Igreja – ou

**“A palavra ‘comunidade, na época, ainda era um pouco estranha ao contexto pastoral, mas era preciso transformar capelas’ (de desobriga) em autênticas comunidades de fé e vida.”**



eclesiologia – Medellín propõe? Lembro, com nitidez, o clima da época. Nos seminários, durante o Concílio, ainda se ensinava o modelo da Igreja “sólida”. Não era de bom tom questioná-lo. Mas havia inúmeras indagações no ar. No Brasil, jornais, rádio e TV noticiavam exaustivamente as “reformas de base” que se faziam necessárias. Havia, porém, sério “perigo comunista”. Em São Paulo, meu professor de dogma havia comentado a tal “teologia das realidades terrestres” e o documento conciliar *Gaudium et Spes* insistia numa leitura atenta aos sinais dos tempos. Era preciso reformar a liturgia e abrir espaço para efetiva pastoral dos leigos. Enviado à minha primeira paróquia, no litoral paulista (Vale do Ribeira), em 1965, não tive dúvida: era preciso transformar as 30 capelas rurais postas aos meus cuidados em verdadeiras comunidades. A palavra “comunidade”, na época, ainda era um pouco estranha ao contexto pastoral, mas era preciso transformar “capelas” (de desobriga) em autênticas comunidades de fé e vida, com leigos/as formados/as para assumirem as celebrações dominicais, além de muitas outras responsabilidades. É o que se fez no Vale do Ribeira em toda a atual Diocese de Registro. Que saudade do dinamismo daqueles bons tempos!

Quanto ao modelo de Igreja, o documento de Medellín veio apenas confirmar o que já estávamos fazendo: formar “comunidades de base”! Muitas vezes, mais sonho que realidade, mas, sem dúvida, um novo jeito de fazer Igreja. A CNBB pedia que se fizesse “pastoral de conjunto” e lá íamos nós, em equipe, padres, irmãos e leigos, sem olhar fronteiras paroquiais, fazendo, durante três dias, “batidas” pelas vilas, visitando o povo nas casas, nas roças e, à noite, fazendo reuniões em qualquer barracão disponível. Haveria animação para formar uma comunidade de verdade? Em caso afirmativo, nova comunidade era iniciada. Nas tradicionais “capelas” já existentes, outras adaptações eram feitas. Em relativamente pouco tempo, todo um novo es-

tilo de ação pastoral se constituía. Em toda a diocese, embora ainda não se usasse a expressão, paróquias se transformavam em “comunidades de comunidades”. Aos poucos, em toda a América Latina e especialmente no Brasil, a Igreja adotou “novo jeito de ser Igreja”. Puebla (1979) cunhou definitivamente o nome: “comunidades eclesiais de base” ou o “modelo-CEBs”.

Mas as CEBs nunca foram o único modelo eclesial almejado. Em muitíssimos lugares, especialmente nas cidades, a pastoral foi seguindo os moldes antigos. Em alguns lugares, mais tradicionais, ficou imperando o “modelo-irmandade”, cabendo ao clero o papel básico da “desobriga”. Em muitos outros lugares, com presença mais permanente do clero, perdurou o “modelo-sociedade pia” (ultramontano), com a vida paroquial muito marcada pelo Apostolado da Oração, pela Legião de Maria, pelos Vicentinos, pelos Congregados e Filhas de Maria. Especialmente nas cidades maiores, estava fortemente presente também o “modelo-classe média”, com “movimentos” diversos e atividades pastorais renovadoras, porém longe da agitação socio-transformadora que caracterizava as CEBs.

Não é difícil perceber em tudo isso as reações pastorais aos três grandes medos históricos da Igreja hierárquica: o protestantismo, o modernismo e o marxismo/secularismo. Foram, contudo, inúteis as barreiras levantadas. A razão sempre acaba vencendo, e é bom que seja assim. Qualquer autoritarismo acima da razão apenas desumaniza. Nem Jesus impôs aos discípulos uma fé sem razão (cf. Jo 6). Tanto o protestantismo quanto o modernismo e o secularismo ajudaram a Igreja a ter uma posição mais amadurecida sobre as verdades eternas (“sólidas”). A modernidade, com seus múltiplos enfoques filosóficos, com seu processo científico ininterrupto e com sua necessidade, como dizia o papa João XXIII, de sempre adaptar a linguagem aos novos contextos culturais, sem dúvida “liquidificou” aquilo



que parecia sólido. O papa Bento XVI ainda se queixava da “ditadura do relativismo”, mas haverá de conformar-se. O trem da história, na verdade, nunca parou e, ao que parece, nunca vai parar.

## 2. Que paróquia queremos?

A pós-modernidade, ou a modernidade avançada, como preferimos, veio acrescentar apenas mais suco ao liquidificador. A globalização, com sua mídia implacável e sua comunicação instantânea, rapidamente vem criando novo ser humano, o *Homo globalis*. Ciência, tecnologia, comportamentos, crenças, tudo agora é provisório, moda. O que importa é captar a onda do momento. Desfez-se a força social das coletividades que, ainda recentemente, pautavam o comportamento social. O que pode fazer um sindicato, além de burocratizar-se, quando as empresas já não se interessam pelas “reservas” de mão de obra, mas apenas pelos intelectualmente ou tecnologicamente preparados? De que vale um movimento de moradia, ou qualquer outro, por mais bem assessorado que seja, quando o poder público local está de mãos atadas, inteiramente na dependência de investimentos financeiros cujo controle escapa a qualquer poder político? Só nos resta – pensam muitos – partir para o tudo ou nada. A Igreja – aparentemente paralisada – apenas observa.

### 2.1. As CEBs voltarão?

Faz poucos meses, fui convidado para um “encontro de CEBs” na própria região onde atuo (Diadema-SP). Nos últimos cinco anos, as CEBs, que já foram prioridade máxima, nunca entraram na pauta da nossa assim chamada “reunião mensal do clero”. Nem ouço falar delas, a não ser quando se aproxi-

ma um encontro estadual ou nacional. O convite veio, espontâneo, sem nenhuma interferência clerical. Na tradicional cobertura de cima de uma típica casa popular, expressão-símbolo do operariado latino-americano, encontrei 50 antigas lideranças das CEBs, quase todas ainda envolvidas em atividades pastorais ou, em menor número, políticas.

Prepararam uma “mística” envolvente, cheia de saudosa memória do passado e também de sonhos acerca de uma nova Igreja e de um novo país. O clima mais perceptível, no entanto, era o de forte desânimo. Onde estão os padres entusiasmados com as CEBs?

**“O trem da história,  
na verdade, nunca  
parou e, ao que  
parece, nunca  
vai parar.”**

Não pude contribuir muito naquele momento, mas pude oferecer uma esperança. Disse-lhes que os bispos estavam lançando um documento sobre a “nova paróquia”, destinada a ser “comunidade de comunidades”. Havia analisado, em profundidade, essa proposta (*Estudos da CNBB 104*) e publiquei um artigo a respeito em *REB 291/2013*. O documento deixa o assunto no ar: as CEBs voltarão? Sem dúvida, não da mesma forma. Não é segredo para ninguém que a Cúria romana fez – e continua fazendo – persistente e lastimável combate a elas. Um livro recente (*CEBs e os desafios do mundo contemporâneo*, São Paulo: Paulus, 2012) é muito revelador a respeito. No Documento de Aparecida (2007), a parte mais revisada por Roma foi a parte das CEBs, assinada por 70 bispos a favor e 57 contra (DAP 178-180)! O belo texto original: “Elas (as CEBs) têm sido uma das grandes manifestações do Espírito na Igreja da América Latina e Caribe depois do Vaticano II” foi simplesmente eliminado. Em outros, mudou-se, sem mais nem menos, o conteúdo. Onde estava escrito: “Depois do caminho feito até agora, com sucesso e dificuldades, é o momento de uma profunda renovação desta rica experiência eclesial em nosso continente, para que não percam sua

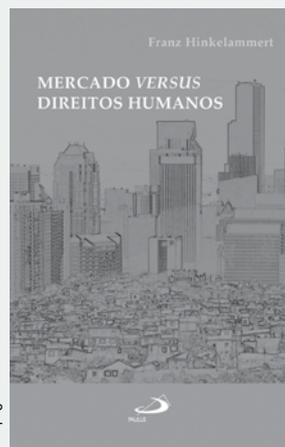
eficácia missionária, mas a aperfeiçoem e cresçam de acordo com as exigências novas dos tempos”, o texto foi revisado para: “Em seu esforço de corresponder aos desafios dos tempos atuais, as comunidades eclesiais de base terão o cuidado de não alterar o tesouro precioso da Tradição e do Magistério da Igreja”. Os bispos, por respeito e obediência a Roma, costumam não externar seus sentimentos a respeito, mas imaginamos que se sentiram profundamente humilhados com tal tratamento. Dificilmente as CEBs voltarão, nem mesmo renovadas, se a Cúria romana manter o cerco dessa forma.

## 2.2. Como “setorizar” a paróquia?

Quando refletimos sobre a pastoral das CEBs, é preciso levar em conta seu processo histórico. E quando os bispos pedem para “setorizar” a paróquia, transformando-a em “comunidade de comunidades” (Dap 304-313; DGAE 56-64 e 98-105; Documentos da CNBB 100, 8, 244-256), é preciso tomar cuidado para não confundir alhos com bugalhos. De qual “comunidade” estamos falando? As ciências sociais fazem clara distinção entre comunidades (marcadas pela estabilidade e por uma “comum-idade”) e grupos primários (marcados pela volatilidade e pela parcialidade). A Igreja é constituída não de qualquer comunidade, mas de comunidades “eclesiais”. O que é “eclesial” depende muito da eclesiológica que adotamos, e já vimos que, nos nossos “tempos líquidos”, as concepções variam bem mais do que nos “tempos sólidos”. Sérgio Ricardo Coutinho, assessor do Setor CEBs da Comissão Episcopal Pastoral para o laicato, da CNBB, indica (no livro acima citado) “os cinco Cs das CEBs”: círculos bíblicos (viver da Palavra), catequese (nas diferentes faixas etárias), celebração (centrada na eucaristia), Conselho Pastoral Comunitário (união das diferentes coordenações) e compromisso socio-transformador (assistência social e pastorais sociais). A “eclesialidade” (*Evangelii Nuntian-*

## Mercado versus direitos humanos

Franz Hinkelammert



A obra versa sobre o conflito entre desenvolvimento econômico e a manutenção da dignidade humana. Uma das principais ideias do livro é que a defesa dos direitos humanos é condição de possibilidade de uma sociedade alternativa e sustentável. Para Hinkelammert, o principal violador dos direitos humanos é esse mercado sacralizado, que nega aos excluídos o direito básico de viver com dignidade. Na lógica do mercado, tudo é reduzido ao cálculo de utilidades para a realização do interesse econômico, em prejuízo da vida em comunidade, nas relações de solidariedade e amizade.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





di, 58; Puebla 640-650) depende da presença dessas cinco características ao mesmo tempo. Nenhum grupo ou pastoral específica, por si só, é comunidade. Nenhum movimento que priorize determinada espiritualidade ou linha pastoral, por si só, é comunidade. Nem uma capela (rural ou de bairro urbano), por si só, é uma comunidade eclesial de base, quando nela se realiza apenas a sacramentação tradicional feita pelo padre. Renovar a paróquia, em conformidade com os critérios conciliares, requer muito mais do que isso.

A relação polêmica entre CEBs e paróquia não é de hoje. O Plano Pastoral de Conjunto (1965-1972) já insistia numa renovação paroquial mediante a criação de “comunidades de base”. Os planejamentos seguintes aprofundam essa mesma proposta. As Diretrizes de 1975/78 falam, pela primeira vez, em “comunidades eclesiais de base”. O Documento 25 da CNBB (*CEBs no Brasil*, 1982) se tornou o grande marco de referência, chamando as CEBs de “um novo modo de ser Igreja”, expressão usada ainda na conclusão do Documento 92 (*Mensagem ao povo de Deus sobre as CEBs*, 2010). Assumindo Medellín 15,10, faz das CEBs “o primeiro e fundamental núcleo eclesial [...], célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial de promoção humana e desenvolvimento” (Introdução).

Em Roma, porém, o clima é outro. Paulo VI, na exortação apostólica *Evangelii Nuntian-di* (1975), ainda destaca as CEBs como “esperança para a Igreja universal”, porém já ressalva: somente aquelas que “brotam e desenvolvem-se [...] no interior da Igreja”, e não aquelas marcadas por “um espírito de crítica acerba em relação à Igreja” (EN 58)! Duas suspeitas rondam a praça de São Pedro: falta de solidez eclesiológica – Roma insiste ainda na assim chamada “eclesiologia de cima” (= “sólida”) –

e, principalmente, possível “ideologização” (uso político) da fé. Em Puebla (1979), os bispos falam bem das CEBs, mas não deixam de dizer que “critica-se a falta de formação adequada aos agentes, deixando algumas lideranças serem ideologizadas pela tendência secularizante” (DP 630). Em Santo Domingo (1992), fortemente controlado pela Cúria romana, as CEBs deixam de ser “células iniciais de estruturação eclesial” e voltam a ser “células vivas da paróquia” (SD 61). Para o “novo” Direito Canônico (1983), de fato, apenas a paróquia é “célula inicial”.

Ultimamente, nos documentos da CNBB e de Aparecida, fala-se das CEBs, no meu entender, de forma parcialmente equivocada. Hoje, a presença dos “movimentos” é mais forte na Igreja, e surgiram as “pequenas” e “novas” comunidades. Em diversos documentos têm-se posto

as CEBs em pé de igualdade com essas novas expressões comunitárias (*Doc. 100* da CNBB: 132-134, 231-236, 244-256; cf. DP 111 e 644; SD 58; DAp 178-180; DGAE 2011/15: 58; EG 29). O grande perigo dessa postura eclesiástica (demasiadamente “líquida”) é levar as CEBs a uma teologia desencarnada e uma espiritualidade descomprometida. É interessante comparar novamente o texto original e o revisado do DAp 179. Dizia o texto original: “Elas (as CEBs) poderão revitalizar as paróquias desde o seu interior, fazendo das mesmas uma comunidade de comunidades”. O texto revisado diz: “Atuando dessa forma, juntamente com os grupos paroquiais, associações e movimentos eclesiais, podem contribuir para revitalizar as paróquias, fazendo delas uma comunidade de comunidades”. Entendo que a paróquia, sem dúvida, pode crescer em espiritualidade e “vivência comunitária” por meio de movimentos e novas formas de associação comunitária, mas em nenhum desses movimentos ou associa-

**“Nenhum movimento que priorize determinada espiritualidade ou linha pastoral, por si só, é comunidade.”**



ções se concretizam, ao mesmo tempo, “os cinco Cs das CEBs”, como acima assinalado. Apenas nas CEBs encontramos, apesar de todas as deficiências, a “eclesialidade plena”, e é por isso que somente elas merecem ser intituladas como “células iniciais de estruturação eclesial”. Quando se pretende “setorizar” a paróquia, essa distinção é fundamental.

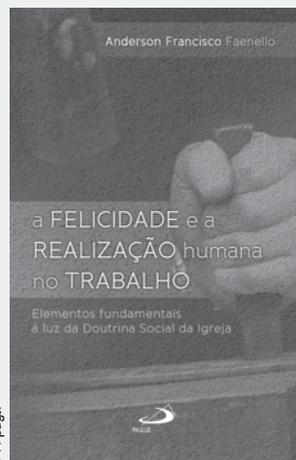
Há quem queira dar às CEBs o “monopólio da eclesialidade”. O *Doc. 25* da CNBB já alertava a respeito. De fato, nenhuma CEB é Igreja quando isolada das demais. A Igreja é “comunhão” na sua essência. Numa perspectiva mais teológica (e histórica), apenas a diocese é “comunidade de comunidades”. A paróquia deve ser vista mais como estrutura intermediária de “serviço”. Do ponto de vista eclesial, o bispo diocesano é o ponto de encontro primário das comunidades eclesiais, e as paróquias intermediam as diferentes pastorais que expressam e dão concretude a essa unidade.

Por isso, “setorizar” a paróquia é, antes de tudo, criar CEBs, o que não elimina – muito pelo contrário! – a possibilidade de nelas haver “vivências” espirituais e comunitárias diversas, mais ao encontro de, por exemplo, gostos pessoais, idades e níveis de formação. Especialmente este último ponto me parece particularmente relevante. Em termos de reflexão pastoral, existe uma lacuna a respeito. O clima e a prática espirituais e pastorais com os quais as pessoas se alimentam variam substancialmente de acordo com os graus de escolarização e engajamento profissional. O mundo secularizado nos dá essa lição. Como envolver, pastoralmente, as pessoas – muitas vezes da classe média/alta – que adquiriram maior liderança intelectual e profissional? O fator “afinidade humana” é vital em qualquer comunidade. Nossas CEBs tradicionais são fortemente “locais”. Como polos dinâmicos de reflexão, vivência e ação – apenas possíveis por meio de “convivência” –, não vemos como possa ser diferente. Mas talvez tenhamos de abrir mais portas para CEBs “regio-

## A felicidade e a realização humana no trabalho

### Elementos fundamentais à luz da Doutrina Social da Igreja

Anderson Francisco Faenello



O trabalho é meio privilegiado de o ser humano expandir-se em sua humanidade e relacionar-se com o mundo, com os irmãos e com o próprio Deus. No contexto atual, entretanto, esses grandes valores suscitados pelo trabalho estão sendo desfeitos, por ser ele reduzido a meio utilitarista em vista de uma felicidade ilusória, pautada sobre desejos egoístas (capitalistas/liberais), e de bem-estar econômico. Este livro busca confirmar o aspecto positivo do trabalho: gerador de felicidade e de realização humana.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





nais”, de estilo mais “urbano”, reunindo pessoas cujas afinidades não se dão em âmbito local. Ainda assim, não vejo como isso possa “funcionar” concretamente sem um polo local de encontro e dinamização dos “cinco C’s das CEBs”. Quem sabe caberá, nesses casos, uma volta à “Igreja doméstica”?

### 3. Apostemos no papa Francisco

Gostaria de encerrar esta reflexão fazendo uma aposta na sabedoria pastoral do papa Francisco. O fato de ter vindo “do fim do mundo” pode ser decisivo para uma saudável “volta à grande disciplina” conciliar. Depois do Concílio, e a partir do Concílio, a vetusta teologia sólida do passado se fragmentou. Hoje, são muitas as teologias. Além da teologia europeia, já podemos falar de uma teologia africana, asiática e latino-americana, inclusive com suas vertentes locais. Da mesma forma, o “rosto” da Igreja. Cada “povo de Deus” tem direito à sua fisionomia própria. Voltamos a dizer: tudo que era sólido se tornou líquido, também na ação pastoral da Igreja. Não há nenhum mal nisso, como não há nenhum mal na modernidade em si, ainda que sejam muitos os desafios. Quanto às CEBs, é minha convicção que o “esquecimento” delas não é, em primeiro lugar, fruto da reação conservadora dentro das nossas próprias Igrejas, mas, muito mais, fruto da atitude obstinada do Vaticano que amedronta nossos bispos. É simplesmente inviável setorizar as paróquias e criar ampla rede de comunidades dentro dela sem nova abordagem teológica e pastoral do ministério or-

denado (ou sem romper a “jaula de ferro ministerial”, como diria P. Suess). A “nova paróquia” que a CNBB propõe exige dos atuais padres que se transformem em super-homens. Uma ilusão. Super-homens não existem. Muito mais realista – além de mais evangélico – é retomar a tradição original e entregar a “direção” das comunidades, ainda que seja de forma temporária, às mãos de homens e mulhe-

res “de boa reputação e repletos do Espírito e de sabedoria” (At 6,3 e 13,1; 1Cor 12).

O papa Francisco, na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (32), afirma querer governar de acordo com o princípio conciliar da colegialidade e dar maior autonomia às Conferências Episcopais, “incluindo alguma autêntica autoridade doutrinal”.

**A ‘nova paróquia que a CNBB propõe exige dos atuais padres que se transformem em super-homens. Uma ilusão.’**

Apela a uma “conversão pastoral do papado e das estruturas centrais da Igreja universal”. Por meio de pesquisa, fez uma consulta aos diversos continentes acerca de algumas normas eclesiais que interferem profundamente nas sensibilidades humanas. Na atual conjuntura eclesial, existe óbvio hiato entre o senso de fé, o “sensus fidelium”, do povo cristão – e do mundo em geral – e a postura sólida, obstinada, da Cúria romana. Depois de diversas fracassadas reformas da Cúria romana após o Vaticano II, o pequeno grupo de cardeais nomeados pelo papa dará conta do recado? O sínodo a ser concluído este ano significará a ruptura de um cerco milenar ou o fim de uma grande esperança? No momento em que escrevo, ainda não há resposta, mas uma coisa é certa: quando menos se esperar, o Espírito Santo soprará com força, e as portas e janelas da Igreja se abrirão para iniciar um novo futuro! ●



# A ação pastoral em tempos de mudança: modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma

Agenor Brighenti\*

*O artigo lança um olhar analítico sobre a situação da pastoral hoje, no contexto de profundas transformações e de crise social e, conseqüentemente, das instituições e da Igreja. Identifica modelos de pastoral inconseqüentes com o momento atual e as balizas fundamentais para novo paradigma pastoral capaz de interagir com o mundo contemporâneo de maneira criativa, sem aferrar-se nem ao passado nem a modismos da modernidade e da pós-modernidade.*

\* Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Louvain (Bélgica), coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia na PUC de Curitiba, professor visitante na Universidade Pontifícia do México e no Instituto Teológico-Pastoral do Celam. Presidente do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB e membro da Equipe de Reflexão Teológica do Celam. Publicou pela Paulus, entre outros, o livro *Para compreender o Documento de Aparecida – o pré-texto, o con-texto e o texto*. E-mail: [agenor.brighenti@pucpr.br](mailto:agenor.brighenti@pucpr.br)

Às vezes, quiséramos ignorar, mas não há como negar. Sobram evidências de que estamos imersos em um tempo marcado por profundas transformações. E, praticamente, como elas atingem todas as esferas da vida social, mergulham-nos em um tempo de crise: crise de paradigmas e das utopias, das ciências e da razão, dos metarrelatos e das instituições, crise de identidade, das religiões, de valores, crise de sentido. É um tempo incômodo, pois está permeado de incertezas e angústias, mais tendente à criatividade do que ao plágio ou ao agarrar-se a velhas seguranças de um passado sem retorno.

Entretanto, como nos adverte a sabedoria oriental, crise não é “fim da história” ou “beco sem saída”. Crise é encruzilhada, ocasião de novas oportunidades, mas sob condição de não fugirmos dela. Crise é metamorfose, passagem, travessia, só que tanto para a morte como para um novo nascimento, dependendo de como a enfrentamos. Se fugirmos dela, é presságio de um fim catastrófico; se a assumirmos, é prenúncio de um tempo pascal, de novo começo.



O amplo leque de mudanças em curso atesta que, em grande medida, a crise atual se deve à crise da modernidade, do projeto civilizacional moderno, responsável pelas maiores conquistas da humanidade, mas, ao mesmo tempo, pelas maiores frustrações da história. Por um lado, não se podem descartar valores como democracia, liberdade, igualdade, ciência, estado de direito, tecnologia, autonomia da subjetividade, tolerância; por outro, é preciso reconhecer que a sociedade moderna, fundada no mito do progresso, deixou sem respostas as questões mais ligadas à finalidade do progresso e da aventura tecnológica, à realização e à felicidade pessoal, enfim, ao sentido da vida. Prova disso é a irrupção de novas realidades, diante das quais o projeto civilizacional se tornou mais curto do que falso, e, com elas, a emergência de novas aspirações e valores. Em outras palavras, a crise atual deve-se mais à emergência de novas perguntas e à busca de novas respostas a aspirações legítimas antes não contempladas do que aos equívocos da modernidade, por mais numerosos e graves que tenham sido.

Consequentemente, a saída da crise não está em ser antimoderno ou pré-moderno. Nem em ser pós-moderno ou em aferrar-se à modernidade. Mas, sim, em dar um passo a mais dentro da modernidade, redimensionando seu projeto e acrescentando novas aspirações a ele, que ainda não foi substituído por nenhum outro que o supere. Ou seja, apesar de estarmos mergulhados em tempos de crise, trata-se, pois, de olhar para a frente, de dar respostas novas às novas perguntas, de criar o novo em nosso presente, alicerçados nas conquistas do passado.

Para nos situar no atual momento eclesial e pastoral, é importante ter presente esse pano

de fundo, pois também a experiência religiosa e a Igreja passam por profundas mudanças; também a instituição eclesial, as teologias e a pastoral estão mergulhadas num tempo de crise; também no meio religioso, entre ambiguidades e retrocessos, irrompem novas realidades e legítimas aspirações. E também nós, os cristãos, se formos às causas da atual crise pastoral, depararemos com a crise da sociedade, que afeta igualmente a Igreja. E nem poderia ser diferente, pois o mundo é constitutivo da Igreja. Não é o mundo que está na Igreja, mas é a Igreja que está no mundo. O povo de Deus peregrina no seio de uma humanidade toda ela peregrinante. E o destino do povo de Deus não é diferente do destino de toda a humanidade. Tal como na sociedade atual em relação à modernidade, também na Igreja há dificuldade em situar-se em nosso novo tempo, para interagir com ele, e, sobretudo, há dificuldade de aprender e enriquecer-se com as novas realidades

emergentes. A renúncia de Bento XVI deu-se nesse contexto, em grande medida, fruto do esgotamento de posturas marcadas por um “entrincheiramento identitário” que torna a Igreja refém de uma “subcultura eclesial”.

A crise da modernidade afeta diretamente a Igreja, pois nela está também implicado o Concílio Vaticano II, dado que, entre outras coisas, ele significou a reconciliação da Igreja com o mundo moderno, depois de cinco séculos de oposição e excomunhão em bloco. O que a modernidade representa para a humanidade o Vaticano II significa para a Igreja. E da mesma forma que a modernidade está em crise, também o Vaticano II atravessa profunda crise, percepção que para muitos constitui um grande equívoco, num momento de ingênuo otimismo eclesial, como foi o agitado “Maio de 68”. Os saudosistas do rito tridentino, entre outros, querem anular o Vati-

**“A renúncia de Bento XVI deu-se nesse contexto, em grande medida, fruto do esgotamento de posturas marcadas por um ‘entrincheiramento identitário’”.**



cano II, que, segundo eles, teria destruído a Igreja. Estaria, então, a saída da crise eclesial em ser anti-Vaticano II (a postura apologética da Contrarreforma tridentina) ou pré-Vaticano II (refugiando-se nas práticas medievais de piedade devocional)? Estaria a saída em ser pós-Vaticano II (entregues ao emocionalismo, entre a magia e o esoterismo) ou em aferrar-se à letra do Concílio, fechando-se a nova recepção dele no novo contexto?

Por um lado, infelizmente, tal como no âmbito da sociedade, no seio da qual as diferentes hermenêuticas da crise da modernidade se configuram em projetos sociais distintos, também no âmbito eclesial, as diversas hermenêuticas do Vaticano II e da tradição latino-americana configuram modelos de pastoral diferentes e, em muitos aspectos, antagônicos; por outro, felizmente, também estão presentes nos meios eclesiais práticas pastorais que vão sinalizando as balizas de um novo paradigma de pastoral, centrado na integração de novas realidades e legítimas aspirações, que irrompem na história como “novos sinais dos tempos”. O novo pontificado se põe nessa perspectiva, tal como atesta, sobretudo, a *Evangelii Gaudium*. A Conferência de Aparecida também nos desafiou a ser consequentes com a renovação do Vaticano II e da tradição libertadora latino-americana.

## 1. Modelos de pastoral inconsequentes com os tempos atuais

Um olhar analítico sobre a situação da pastoral na Igreja hoje pode identificar pelo menos quatro modelos de pastoral inconsequentes com o momento atual: a *pastoral de conservação*, que tende a desconhecer o atual processo de mudanças; a *pastoral apologista*, que tem medo delas; a *pastoral secularista*, que adota uma postura mimética e mercadológica diante delas; a *pastoral liberacionista*, que teima em negá-las, achando que, na conjuntura atual, mudar é retroceder.

Na realidade, são modelos de pastoral sem futuro, pois estão na contramão da história, fechados aos novos sinais dos tempos e às interpelações do Espírito. Entretanto, é preciso ficar atentos e não adotar uma atitude desqualificadora deles, em bloco. Como todo acontecimento histórico é marcado pela ambiguidade, esses modelos também são portadores de elementos de um novo paradigma pastoral, congruente com as exigências das mudanças dos tempos atuais.

### Desconhecendo as mudanças: a *pastoral de conservação* (de cristandade)

A *pastoral de conservação*, assim denominada por Medellín (*Med* 6,1) e nomeada por Aparecida (*DAP* 370), é o modelo de pastoral do regime de cristandade. Está ainda vigente na Igreja e existe há mais de mil anos, apesar de haver sido radicalmente superado pelo Concílio Vaticano II, há meio século. Funciona centralizado no padre e na paróquia e, no seio desta, na matriz. A paróquia, entretanto, desde o início da Idade Média, continua sendo, para a maioria dos católicos, o único espaço de contato com a Igreja, o que não anula a urgente necessidade de uma renovação profunda de suas estruturas, tal como a CNBB tem proposto ultimamente.

A *pastoral de conservação* está à margem da sociedade atual, funcionando como que de forma imune à renovação do Vaticano II, desconhecendo a modernidade, bem como a crise da modernidade e o processo de mudanças em curso. Tributário do dualismo agostiniano que opõe a “cidade de Deus” à “cidade dos homens”, o âmbito eclesial é o espaço do sagrado, refúgio dos cristãos, perante a perdição do espaço profano do mundo, indiferente à salvação (*extra ecclesiam nulla salus*).

Na *pastoral de conservação*, em sua configuração pré-tridentina, a prática da fé é de cunho devocional, centrada no culto aos



santos e composta de procissões, romarias, milagres e promessas, práticas típicas do catolicismo popular medieval (um catolicismo “de muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre” – Riolando Azzi). Já em sua configuração tridentina, a vivência cristã gira em torno do padre, baseada na recepção dos sacramentos e na observância dos mandamentos da Igreja.

Resquício de uma sociedade teocrática, asentada sobre o denominado “substrato católico” de uma cultura rural estática, pressupõe que os cristãos já estejam evangelizados, quando na realidade se trata de católicos não convertidos, sem a experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo e o Reino de Deus. Consequentemente, não há processos de iniciação cristã, catecumenato ou catequese permanente. A recepção dos sacramentos salva por si só, sendo eles concebidos e acolhidos como “remédio” ou “vacina espiritual”. Em lugar da Bíblia, coloca-se na mão do povo o catecismo da Igreja. Em lugar de teologia para formar cristãos adultos, enquadram-se os fiéis na doutrina e nos dogmas da fé católica. A paróquia é territorial e nela, em lugar de fiéis, há clientes que acorrem esporadicamente ao templo para receber certos benefícios espirituais fornecidos pelo clero. Na *pastoral de conservação*, o administrativo predomina sobre o pastoral; a sacramentação sobre a evangelização; a quantidade sobre a qualidade; o pároco sobre o bispo; o padre sobre o leigo; o rural sobre o urbano; o pré-moderno sobre o moderno; a massa sobre a comunidade.

### **Temendo as mudanças: a *pastoral apologista* (de neocristandade)**

A *pastoral apologista* é o modelo de pastoral do regime de neocristandade, que teve

seu auge no século XIX, quando a Igreja pré-moderna jogou suas últimas cartas no confronto com a modernidade. Pouco tempo depois, ela será desautorizada em seus pressupostos pelo Concílio Vaticano II, que insere a Igreja em atitude de “diálogo e serviço” ao mundo. Nos dias atuais, com a crise da modernidade e a falta de referenciais seguros, a *pastoral apologista* volta com força, com ares de “revanche de Deus”, com muito dinheiro e poder, triunfalismo e visibilidade, guardião da ortodoxia, da moral católica, da tradição. O tradicionalismo e o fundamentalismo são sempre um fenômeno ligado às elites, a uns poucos abastados. Nos dois pontificados anteriores ao

**“Na realidade, são modelos de pastoral sem futuro, pois estão na contramão da história, fechados aos novos sinais dos tempos e às interpelações do Espírito.”**

atual, os movimentos eclesiais com perfil de neocristandade foram vistos como a “nova primavera da Igreja”. Entretanto, na prática, revelaram-se os principais responsáveis pelo atual “inverno eclesial”, que o novo pontificado se propõe superar.

A *pastoral apologista* assume a defesa da instituição católica diante de uma sociedade anticlerical e a guarda das verdades da fé em face de uma razão secularizante, que não reconhece senão

o que pode ser comprovado pelas ciências. Ao desconstrucionismo dos metarrelatos e do relativismo reinante que geram vazio, incertezas e medo, contrapõe-se o “porto de certeza” da tradição religiosa e um elenco de verdades apoiadas numa racionalidade metafísica. Se a *pastoral de conservação* é pré-moderna, a *pastoral apologista* é antimoderna. Nesse modelo de Igreja e de pastoral, em lugar do Vaticano II, que se rendeu à modernidade – considerada uma “revolução” antropocentrista que, em sua essência, atenta contra Deus –, apregoa-se não a “volta às fontes” bíblicas e patrísticas, mas a “volta ao fundamento”, guardado zelosamente pela tradição antimoderna dos santos papas “Pios”, que



acertadamente excomungaram em bloco a modernidade.

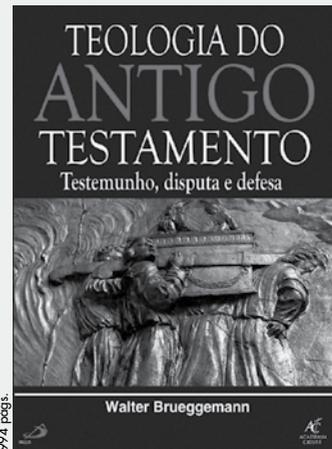
A *pastoral apologista* apoia-se numa “missão centrípeta”, levada a cabo pela milícia dos cristãos, soldados de Cristo, a “legião” de leigos “mandatada” pelo clero, uma vez que este é rejeitado por uma sociedade anticlerical. A missão consiste, numa atitude apologética e proselitista, em sair para fora da Igreja e trazer de volta as “ovelhas desgarradas” para dentro dela. Numa atitude hostil perante o mundo, cria seu próprio mundo, uma espécie de “subcultura eclesíastica”, no seio da qual pouco a pouco se sentirá a necessidade de vestir-se diferente, morar diferente, evitar os diferentes, conviver entre iguais, em típica mentalidade de seita ou gueto. A redogmatização da religião e o entrincheiramento identitário acabam sendo sua marca, apoiados na racionalidade pré-moderna agostiniana e tomista. Como se está em estado de guerra, qualquer crítica é tolhida, pois enfraquece a resistência. Diante da dúvida, a certeza da tradição e a obediência à autoridade monárquica, ícone da divindade na terra. A missa tridentina alimenta o imaginário de novos cruzados, no resgate da pré-modernidade perdida.

### **Padecendo as mudanças: a *pastoral secularista* (de pós-modernidade)**

A *pastoral secularista* propõe-se responder às necessidades imediatas das pessoas, em sua grande maioria, no contexto atual, órfãs de sociedade e de Igreja. É integrada por pessoas desencantadas com as promessas da modernidade, por “pós-modernos” em crise de identidade, pessoas machucadas, desesperançadas, em busca de autoajuda e habitadas por um sentimento de impotência diante dos inúmeros obstáculos a vencer, tanto no campo material como no plano físico e afetivo. Em suas fileiras, estão pessoas que querem ser felizes hoje, buscando solução para seus problemas concretos e apostando em saídas providencialistas e imediatistas. Nesses meios, há um encolhimento da utopia

## **Teologia do Antigo Testamento Testemunho, disputa e defesa**

Walter Brueggemann



A interpretação histórica do Antigo Testamento, tão bem evidenciada nos séculos XIX e XX, já não é suficiente diante das novas exigências acadêmicas e sociais. A Teologia do Antigo Testamento de Walter Brueggemann reflete a nova face da pesquisa teológica bíblica. Ao entrar no estudo da Bíblia Hebraica, Brueggemann leva a sério a exegese crítica e a história de Israel, respondendo perguntas relevantes de nosso próprio tempo, desafiando a interpretação bíblica a percorrer um novo caminho: responder às questões que desafiam a humanidade neste novo milênio.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





no momentâneo, desafiando as instituições a fazer o presente tocar o fim, ou da intra-história, lugar de antecipação daquilo que se espera em plenitude na meta-história.

Em meio às turbulências de nosso tempo, dado que o passado perdeu relevância e o futuro é incerto, o corpo constitui a referência da realidade presente, deixando-se levar pelas sensações e professando uma espécie de “religião do corpo”. Na medida em que Deus quer a salvação a partir do corpo, essa religiosidade colada à materialidade da vida pode ser porta de entrada para a religião, mas, ao reduzir-se a isso, passa a ser porta de saída.

A *pastoral secularista* vem na esteira de uma religiosidade eclética e difusa, uma espécie de neopaganismo imanentista, que confunde salvação com prosperidade material, saúde física e realização afetiva. É a religião *à la carte*: Deus como objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa-fé, no seio do atual, próspero e rentável mercado do religioso. A religião já é o produto mais rentável do capitalismo.

No seio da *pastoral secularista*, há um deslocamento, na esfera da subjetividade individual, da militância para a mística, do profético para o terapêutico e do ético para o estético (passagem de opções orientadas por parâmetros éticos para escolhas pautadas por sensibilidades estéticas), contribuindo para o surgimento de “comunidades invisíveis”, compostas de “cristãos sem Igreja”, sem vínculos comunitários. Há uma internalização das decisões na esfera da subjetividade individual, esvaziando as instituições, inclusive a instituição eclesial, composta também de muitos membros sem espírito de pertença.

Nesse contexto, a mídia contribui para a banalização da religião, reduzindo-a à esfera privada e a um espetáculo para entreter o público. Trata-se de uma “estetização presentis-

ta”, propiciadora de sensações “in-transcendentes”, espelho das imagens da imanência. Também a religião passa a ser consumista, centrada no indivíduo e na degustação do sagrado, entre a magia e o esoterismo.

### **Negando as mudanças: a *pastoral liberacionista* (de encantamento com a modernidade)**

A *pastoral liberacionista*, nascida da renovação do Concílio Vaticano II e da profética tradição latino-americana, pretende-se a resposta mais avalizada à crítica da religião como alienação ou ópio do povo. Não quer perder de vista a indissociável conversão pessoal e das estruturas, a qual exige a militância dos cristãos também na esfera política, à luz da opção preferencial pelos pobres. Também não quer deixar a parceria com

**“Nesse contexto, a mídia contribui para a banalização da religião, reduzindo-a à esfera privada e a um espetáculo para entreter o público.”**

os movimentos sociais, a qual permitiu avanços nas políticas públicas de inclusão de amplos segmentos da população historicamente tratados como supérfluos e descartáveis.

Com a crise da modernidade e, em sua esteira, a crise das utopias, a fragmentação do tecido social, a crise da democracia representativa, dos ideais comunitários e o surgimento de novos rostos da pobreza, a *pastoral liberacionista* sofreu grande revés. De repente, viu-se sem as mediações capazes de fazer aterrissar os ideais coletivos em projetos históricos concretos. Entretanto, apesar disso, em meio à perplexidade do presente, em lugar de tirar lições da crise e buscar novas mediações capazes de manter vivos os ideais do evangelho social, a *pastoral liberacionista* tende a minimizar ou mesmo a negar as transformações atuais, apostando tratar-se de uma crise passageira, sem maiores consequências para a ação transformadora da Igreja.

E como se nada ou muito pouco tivesse acontecido em meio aos escombros do Muro



de Berlim e das Torres Gêmeas, continua-se priorizando, quando não com exclusividade, a promoção de mudanças estruturais e a atuação no âmbito político e social. Qualquer mudança é retrocesso. Deixam-se em segundo plano as questões mais ligadas à esfera da pessoa, da subjetividade, à realização pessoal, à autonomia, à dimensão sabática da existência, à experiência pessoal do sagrado, tidas como preocupações burguesas. Pastoral é, sobretudo, pastoral social, em estreita relação com as lutas sociais e em parceria com os segmentos da sociedade civil, empenhados na conquista das causas populares, com as mesmas mediações de sempre. O outro continua sendo visto como mero imperativo ético, mais instância de expiação do que de gratuidade, mais “mesmidade” do que alteridade. Mudar as mediações é perder os ideais.

## 2. Balizas de um novo paradigma pastoral

Como Igreja, por mais duras e desconcertantes que possam ser as mudanças no seio da sociedade, não estamos condenados ao pragmatismo do cotidiano nem a repetir o passado. Em tempos de travessia e de criação de novas respostas a novas perguntas, de nada servem saídas pastorais providencialistas ou modelos nostálgicos restauradores de um passado sem retorno. Em meio à ambiguidade dos acontecimentos, é preciso ficarmos atentos às interpelações do Espírito e, sobretudo, não satanizarmos as práticas proféticas que “minorias abraâmicas” vão cravando, como cunhas, nas brechas de modelos sociais e eclesiais obsoletos. São respostas ainda frágeis, incapazes de compor um modelo estável e satisfatório, mas suficientes para sinalizar algumas balizas de um novo paradigma pastoral a ser ainda plasmado com a paciência das sementes, que sabem esperar pela estação propícia para germinar e pelo tempo de maturação dos frutos.

### Introdução à cristologia latino-americana

#### Cristologia no encontro com a realidade pobre e plural da América Latina

Alexandre Andrade Martins



Alexandre A. Martins apresenta um ensaio cristológico que foi gestado no meio do povo simples latino-americano e sua experiência de um Deus encarnado na história. Martins introduz o leitor no debate cristológico contemporâneo. “É um texto que coloca duas realidades juntas: a academia, onde a fé é objeto de reflexão, e a comunidade de base, onde a fé é vivida”. Esse ensaio apresenta aos leitores como as diversas áreas da teologia estão relacionadas e formam uma unidade em torno do mistério de Cristo e da experiência de fé da comunidade cristã.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





## Desvencilhar-se do modelo de cristandade

Enquanto a sociedade, em meio a profundas mudanças, avança no processo de construção da modernidade, redimensionando e ampliando seu projeto, em contrapartida a Igreja, apesar da renovação do Vaticano II, ainda não conseguiu se desvencilhar da cristandade. Em tempos de turbulências, que geram insegurança e medo, refugiar-se nas velhas seguranças do passado é armar um guarda-chuva que ficará obsoleto logo que a tempestade passar. Voltar à cristandade ou à neocristandade é enclausurar a Igreja em um castelo e suspender as pontes levadiças que a conectam com o mundo de hoje, reduzindo-a a um gueto ou confinando-a numa subcultura eclesíastica. Urge passar da antiga cultura rural medieval à atual cultura urbana, moderna e pós-moderna, ainda que marcada pela positividade e pela negatividade, inserir-se nela e acolhê-la, para enriquecer-se com ela e redimi-la de suas sombras.

Um novo paradigma pastoral para um tempo de mudanças, capaz de interagir com o mundo de hoje, acena para a passagem: da união entre trono e altar ao respeito pela autonomia do temporal, superando todo tipo de integrismo; dos dualismos corpo-alma, material-espiritual, sagrado-profano a uma antropologia unitária, que une evangelização e promoção humana; da missão entendida como implantação da Igreja à encarnação do evangelho na diversidade das culturas, gerando comunidades eclesiais com rosto próprio; da mera recepção dos sacramentos a processos de iniciação cristã de estilo catecumenal; do ritualismo mágico a uma catequese mistagógica; da Igreja-massa a uma Igreja de pequenas comunidades acolhedoras e

aconchegantes; da centralização na matriz paroquial a uma Igreja rede de comunidade de comunidades; do aumento do tamanho dos templos à multiplicação de pequenas comunidades; de comunidades territoriais a comunidades por eleição e afeto; do monopólio clerical ao protagonismo dos leigos, especialmente das mulheres; do catecismo à Bíblia; da doutrinação à formação teológico-pastoral permanente etc.

## Voltar às "fontes", não ao "fundamento"

**"Como Igreja, por mais duras e desconcertantes que possam ser as mudanças no seio da sociedade, não estamos condenados ao pragmatismo do cotidiano nem a repetir o passado."**

O Concílio Vaticano II, superando a Igreja da cristandade, que havia se distanciado do modelo eclesial normativo neotestamentário, propôs-se fazer uma "volta às fontes" bíblicas e patrísticas (*ad rimini fontes*) e, na fidelidade a elas, ressituar-se no contexto da modernidade. Hoje, os segmentos eclesiais alinhados à neocristandade propugnam pela "volta ao fundamento", que não é volta às fontes bíblicas e patrísticas, mas ao tomismo, à tradição tridentina

dos "Papais Pios", à metafísica pré-moderna, aos manuais e catecismos apologéticos, ao Missal de Pio V, enfim, a uma fé "porto de certezas". Mas, como advertia santo Agostinho, "a fé está mais próxima da dúvida do que da evidência". "Volta às fontes" significa não perder de vista o espírito e o carisma da experiência originária, jamais esgotados por qualquer mediação histórica. Já a "volta ao fundamento" é agarrar-se a determinada configuração da tradição, absolutizando as mediações em relação aos fins e gerando fundamentalismos.

Um novo paradigma pastoral, que desvencilhe a Igreja do modelo de neocristandade, acena para a passagem: da volta ao passado como refúgio à revisita do passado como



memória, que permite nos ressituar no presente; de uma visão da pós-modernidade como relativista a uma relativização de toda verdade identificada; de uma Igreja possuidora da verdade a uma Igreja que se deixa possuir por ela; de uma racionalidade pré-moderna, dedutiva e essencialista a uma racionalidade histórico-existencial, capaz de pôr a Igreja e a teologia em diálogo com o mundo de hoje, especialmente com o mundo urbano; da apologia a uma Igreja em diálogo e serviço ao mundo; dos manuais e catecismos à pesquisa teológica, em diálogo inter e transdisciplinar; do exclusivismo católico ao diálogo ecumênico e inter-religioso; de uma concepção de sagrado, que separa do profano, à santificação de tudo e de todos; de um Deus todo-poderoso, que esmaga os inimigos, a um Deus Amor, impotente diante da liberdade humana, que salva pela cruz, Vítima que perdoa etc.

### **Libertar-se do passado, mas guardando preciosa herança**

Em tempos de mudanças e de avanços no seio do projeto civilizacional moderno, a Igreja precisa caminhar para a frente. Mas, ao virar páginas caducas de sua história, não pode colocar entre elas o Concílio Vaticano II e a tradição latino-americana, de Medellín a Aparecida. Resultado de penosos processos, esses eventos levaram a Igreja a passar da cristandade à modernidade. E como a modernidade, apesar de sua crise, continua vigente em seus valores e conquistas, também a renovação conciliar, em suas intuições básicas e eixos fundamentais, continua relevante para os dias de hoje. O Concílio Vaticano II tomou distância do eclesiocentrismo medieval e do clericalismo e da romanização do catolicismo tridentino. Elaborou nova auto-compreensão da Igreja, em diálogo com o mundo moderno e em espírito de serviço, especialmente aos mais pobres.

Em relação ao Vaticano II, um novo para-

## **Formação para agentes da Pastoral Carcerária**

ASAAC



O desrespeito à dignidade humana promovido pelo sistema carcerário brasileiro é alarmante. Tendo como motivação e espiritualidade o Evangelho de Jesus, a Pastoral Carcerária entende que nenhuma forma de prisão promove o ser humano ou reconcilia as comunidades. Uma sociedade fraterna pela eliminação do presídio. O sistema carcerário é um instrumento para manter a desigualdade social e violentar as pessoas de classes marginalizadas. O trabalho evangelizador da Pastoral Carcerária tem como objetivo maior a busca de um mundo sem cárceres!

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





digma pastoral para estes tempos de mudanças acena para que se guarde: a distinção entre Igreja e Reino de Deus, sendo este mais amplo do que a Igreja, a qual é uma de suas mediações, ainda que privilegiada; a noção de que em cada Igreja local, porção e não parcela do povo de Deus, está a Igreja toda, ainda que não seja toda a Igreja (não há uma suposta Igreja universal, nem anterior nem exterior às Igrejas locais); o primado da Palavra na vida e na missão da Igreja, que existe para evangelizar e não simplesmente para sacramentar; a afirmação da base laical da Igreja, composta de um único gênero de cristãos – os batizados, um povo todo ele profético, sacerdotal e régio; a unidade da fé tecida em torno do *sensus fidei* de todo o povo de Deus, no seio do qual se insere também o magistério; o entendimento de que a Igreja não é deste mundo, mas está no mundo e existe para a salvação do mundo, em espírito de diálogo e serviço; a reforma litúrgica, que recolhe a nova eclesiologia e resgata a centralidade do mistério pascal, superando o culto sacrificialista etc.

E, da tradição latino-americana, um novo paradigma pastoral nestes tempos de mudança acena para que se guarde: *de Medellín* (1968) – a evangélica opção pelos pobres; uma evangelização libertadora, que aterrissa a escatologia na história; a simultaneidade da conversão pessoal e das estruturas como condição à eficácia do amor, num mundo marcado pela injustiça estrutural; um novo modelo de Igreja – pobre e em pequenas comunidades – como sinal e instrumento do Reino de Deus no coração da história; a necessidade de uma reflexão teológica articulada com as práticas, especialmente dos mais pobres etc.; *de Puebla* (1979) – a importância de uma correta con-

cepção de Jesus Cristo, da Igreja e do ser humano para autêntica evangelização; o protagonismo dos leigos na evangelização; a prioridade da atenção aos jovens; a valorização da religiosidade popular, importante forma de inculturação da fé etc.; *de Santo Domingo* (1992) – a necessidade de uma conversão pastoral; o protagonismo dos leigos na evangelização; a evangelização enquanto inculturação do evangelho, no respeito à liberdade das pessoas e de sua identidade cultural etc.; *de Aparecida* (2007) – o propósito de não perder de vista os pobres, hoje supérfluos e descartáveis; uma Igreja toda ela em estado permanente de missão; a missão como irradiação do evangelho e não como proselitismo; o protagonismo das mulheres na Igreja; a disposição de chegar às pessoas por meio de processos de iniciação cristã; a renovação da paróquia etc.

### “O Concílio Vaticano II tomou distância do eclesiocentrismo medieval, do clericalismo e da romanização do catolicismo tridentino.”

#### Fazer do ser humano o caminho da Igreja

Consequente com o mistério da encarnação do Verbo, o cristianismo propõe à humanidade nada mais do que sermos verdadeiramente humanos, humanos em plenitude. Nisso consiste a salvação em Jesus Cristo. A vida em plenitude resume a missão de Jesus de Nazaré: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Pareceu, então, evidente a santo Irineu de Lyon, na aurora do cristianismo, que a “glória de Deus é o ser humano pleno de vida” (*gloria Dei homo vivens*). João Paulo II, alinhado a essa tradição, em *Redemptor Hominis* e em *Centesimus Annus*, tira as consequências para a ação evangelizadora: “O ser humano é o caminho da Igreja” (RH 13, CA 53). Jesus é o caminho da salvação; o caminho da Igreja é o ser humano, pois ela existe para o serviço



da vida plena para todos, a única razão e fim da obra de Jesus.

Por isso, um novo paradigma pastoral para estes tempos de mudança acena hoje, por um lado, a uma Igreja que tire o foco de suas questões internas e sintonize com as grandes aspirações da humanidade. A proposta cristã, enquanto mediação de salvação para todo o gênero humano, descentra a Igreja em relação a si mesma e lança-a numa missão não exclusiva. O espaço intraeclesial não esgota a missão da Igreja. Deus quer salvar a todos e a Igreja, como mediação privilegiada, precisa ser a Igreja de todos, sobretudo daqueles que não são Igreja. Por outro lado, fazer do ser humano o caminho da Igreja implica superar os paradigmas essencialistas e metafísicos da pré-modernidade, que olham para o ser humano de modo genérico e abstrato, desvinculado da concretude da história e das contradições de seu contexto sociocultural. Sobretudo a Igreja na América Latina trouxe à tona a exigência de desvencilhar-se, tanto no âmbito social como eclesial, de óticas e condutas ora de submissão, ora de rejeição ou aniquilamento do outro, a lógica de violência que caracteriza nossa sociedade.

Consequentemente, um novo paradigma pastoral para estes tempos de mudança, que faça do ser humano o caminho da Igreja, acena, antes de tudo, a uma Igreja samaritana, companheira de caminho de toda a humanidade, especialmente dos que sofrem. Uma Igreja cuidadora, que promove e defende a vida e o planeta como sua casa. Uma Igreja acolhedora, solidária, movida pela compaixão, mas também profética, que denuncia os mecanismos de opressão e exclusão e toma a defesa das vítimas, que clamam por justiça nos diferentes rostos do complexo fenômeno da pobreza. Os mártires das causas sociais são a expressão mais genuína da opção pelos pobres, cristãos consequentes com sua fé, assumindo o conflito gerado pela injustiça institucionalizada, para além de uma caridade

assistencial, que humilha o excluído e alimenta o cinismo dos satisfeitos.

### **Pautar-se pela gratuidade e pelo respeito à alteridade**

Um novo paradigma pastoral para estes tempos de mudanças acena a uma Igreja que se pautar pela gratuidade e pela alteridade. São duas realidades postas em evidência pela modernidade tardia que a pastoral está também desafiada a integrar, contribuindo para a superação da lógica de submissão, rejeição ou aniquilamento do outro ou do diferente.

Em primeiro lugar, dado que nosso mundo é cada vez mais plural e diversificado, apresenta-se a exigência de aprender a se enriquecer com a diversidade e não ver detrás do diferente um herege ou um inimigo em potencial. Para isso, o pluralismo, mais do que mera abertura ao outro, precisa ser um pressuposto, pois, antes de falar de “sujeito”, dado que ele é sempre plural, é necessário referir-se à alteridade. Em segundo lugar, está a exigência de ver o outro não como um imperativo ético ou instância de expiação, mas como dimensão sabática da existência, horizonte de gratuidade, de cujo encontro, numa relação dialógica e horizontal, “eu” e “tu” se enriquecem mutuamente.

Consequentemente, na evangelização, não há destinatários, mas interlocutores. Como Deus não se impõe, mas se propõe, a evangelização só começa quando o outro responde à interpelação do evangelho e só se dá quando o outro, em sua liberdade e autonomia, acolhe livremente a Mensagem. E como o “outro”, na realidade, são “outros”, diversos e diferentes em culturas e religiões, evangelizar implica diálogo intercultural e inter-religioso, implica inculturação do evangelho. Em resumo, um autêntico processo de evangelização é sempre o resultado da cumplicidade de duas liberdades: a liberdade de Deus em comunicar-se, mediado pelo evangelizador, e a liberdade do interlocutor em acolher a proposta do evangelho.



## Fazer do presente um tempo messiânico

Um novo paradigma pastoral, em sintonia com o atual contexto de mudanças, acena a uma Igreja que tire as consequências da crise das utopias. Historicamente, estas foram concebidas no seio da modernidade, por um lado, como um fim predeterminado, ao qual a história necessariamente convergiria, e, por outro, como uma dilatação indeterminada do futuro. Ora, se há um lixo da história, o primeiro a ser jogado neste lixo é nossa própria concepção de história (R. Menasse). Trata-se do tempo concebido como *chronos*, um processo linear, no qual os fins perseguidos se encontram no fim do processo, no fim dos tempos ou, pior, somente na meta-história.

A crise da modernidade põe em evidência o valor e a urgência do presente, do momento, do agora, provocando um encolhimento da utopia no hoje da história. Isso é mais visível na cultura urbana, fazendo da pastoral urbana grande imperativo para a evangelização hoje. É outra noção de tempo, não como *chronos*, mas como *kairós*, no qual os fins perseguidos, se são verdadeiros, precisam ir sendo experimentados no caminho, em experiências de plenitude em meio à precariedade do presente, em momentos de eternidade no tempo. Do contrário, não passa de alienação, de uma esperança vazia, de escapismo da história, de um horizonte sacrificial e enganador.

A pastoral, hoje, também está desafiada a fazer do presente um tempo messiânico – um

*kairós*. O “ainda não” da esperança cristã precisa tocar o “já” de nosso momento presente, na vida pessoal e social do cotidiano. O Reino de Deus só é salvação se for salvação para nós hoje, experimentado e tocado em vivências concretas, mesmo em meio às vicissitudes da vida. É desses momentos de “Tabor”, de transfiguração pontual do real no cotidiano, desses momentos messiânicos que a esperança cristã se alimenta, pois a salvação é um fim que se dá no caminho.

### Para concluir

Afirma Medellín que todo compromisso pastoral brota de um discernimento da realidade, pois a finalidade da evangelização é impregnar a história dos mistérios do Reino de Deus e transfigurar em Cristo tudo o que está desfigurado por tantos sinais de morte. Uma vez que a Palavra de Deus quer ser salvação para nós hoje, não há fidelidade ao evangelho sem fidelidade à realidade.

Nosso atual contexto de profundas mudanças, em meio às ambiguidades dos acontecimentos, é também lugar de revelação de novos sinais dos tempos, interpelações do Espírito, que clamam por uma renovação das mediações eclesiais que mantêm viva, na concretude da história, a obra redentora de Jesus Cristo. É preciso, pois, ter a coragem de mudar a roupagem, de abandonar formas de ação e estruturas obsoletas, para que a Mensagem seja, para nós, nova em cada manhã. ●

**“Em um mundo cada vez mais plural, é necessário aprender a se enriquecer com a diversidade e não ver detrás do diferente um herege ou um inimigo em potencial.”**

# Roteiros homiléticos

Também na internet:  
[vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)

\* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutor em História Antiga pela Unicamp e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary (Califórnia, EUA). É professor no programa de Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR. Publicou diversos livros, a maioria pela PAULUS, entre os quais: *A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó*; *Como ler o livro de Jeremias*; *Como ler o livro de Abdias*; *Como ler o livro de Joel*; *Como ler o livro de Zacarias*; *Como ler o livro das Lamentações*; *A arte de viver e ser feliz*; *Deus se revela em gestos de solidariedade*. E-mail: [luizalexanderossi@yahoo.com.br](mailto:luizalexanderossi@yahoo.com.br)



Luiz Alexandre Solano Rossi\*

2º DOMINGO DA QUARESMA

1º de março

## Escutar a voz de Jesus como marca do discípulo

### I. Introdução geral

A obediência é uma das maiores virtudes do discípulo de Jesus. No entanto, geralmente queremos seguir Jesus de longe. Usufruído, é verdade, de sua presença, mas a uma distância considerável e confortável para não ouvir a sua voz de mestre. Escutar e, ato contínuo, praticar tudo quanto o mestre falou é sinal de compromisso e de maturidade. Ouvir a voz de Deus é primordial e, por que não dizer, o primeiro aprendizado para também aprendermos a ouvir uns aos outros.



## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18

A primeira leitura nos põe diante de Abraão e seu importante desafio. Todavia, ainda que o desafio se apresente de uma maneira exigente e no limite da força de qualquer pessoa, a única reação de Abraão diante de Deus é: “Eis-me aqui”. Ele caminha pela fé. O mais importante para ele é o ato de obedecer. Não se fazem discípulos sem obediência. Por isso, cada passo de Abraão significa a construção de um itinerário de fé. Cada passo é símbolo de um novo tijolo colocado nesta grande edificação que é a vida. Abraão caminha como se visse o invisível e, por isso, seus passos constroem nova história.

Abraão compreende que a vida precisa ser protegida a qualquer custo. Deus é, necessariamente, o Deus da vida, e não da morte. O sacrifício de Isaac, seu filho, corresponderia à anulação do projeto de vida de Deus. A vocação de Abraão é ser um construtor de vida, não um artífice da morte. Sacrifícios humanos, tanto ontem quanto hoje, são inadmissíveis, e, conseqüentemente, o texto parece reagir ao culto dos reis ao deus Moloc ou a outras divindades que podem ter incluído sacrifícios humanos não só em Israel e Judá, mas também em seus arredores.

### 2. II leitura: Rm 8,31b-34

Quem poderia impedir a chegada do projeto de Deus? Não existe nada que possa impedir Deus de manifestar seu amor para com a humanidade. Cristo, morto e ressuscitado, é o grande artífice do projeto de Deus. Por meio dele, e somente por ele, a comunidade pode se aproximar do amor de Deus.

Em Romanos, a vitória pertence a Deus. A pessoa justificada por Deus possui a certeza da vitória. Em Cristo, somos mais do que vencedores. A base fundamental de toda a vida resi-

de naquilo que aconteceu em Jesus. Por causa dele, e somente por causa dele, é que podemos caminhar em direção ao amanhã.

### 3. Evangelho: Mc 9,2-10

Na transfiguração relatada no Evangelho de Marcos, a passagem-chave é a exortação dirigida aos três discípulos: Pedro, Tiago e João. Uma expressão/exortação que do passado reverbera com força, atravessando tempo e espaço e nos alcançando com igual intensidade: “Escutai-o”. Na Quaresma se faz necessário abrir os ouvidos para escutar com verdadeira atenção. Não se fazem discípulos que fecham os ouvidos às palavras de seu mestre. Todo discípulo é, primeiramente, de fato e de verdade, um ouvinte.

Todavia, é necessário também ouvir os outros. Não vivemos isolados em ilhas. Somos seres relacionais e, do ponto de vista cristão, vivemos em comunidades. Tudo leva a considerar o outro como alguém que possibilita o diálogo: falamos e ouvimos a fim de construir verdadeira humanidade. Às vezes fica a impressão de que temos grande facilidade de ouvir os meios de comunicação, discursos os mais diversos, até mesmo alguma música. Porém não temos a mesma facilidade para escutar alguém. Uma multidão de sons pode povoar nosso interior, desde que não sobre espaço para os sons de irmãos e de irmãs. Transformamo-nos em consumidores de ruídos e, negando os sons da fraternidade, esvaziamos-nos de nós mesmos. Escutar Jesus dentro de nossos próprios contextos é o maior dos nossos desafios. Acolher a palavra de Jesus requer tempo e qualidade de tempo. Caso contrário, corremos o risco de confundir os ruídos do cotidiano com a voz do nosso mestre.

Jesus sobe a montanha para viver uma experiência inusitada. Lá ele, diante dos olhos estarecidos dos três discípulos, se transfigura. Suas vestes são mudadas e passam a se parecer com aquelas dos mártires



(veja Ap 3,15.18). No entanto, para além da transfiguração, aparecem também Elias e Moisés. A presença deles vem confirmar o caminho de Jesus na direção do conflito final. A presença deles indica que a sua missão não é marcada pela neutralidade. De forma contrária a essa percepção, a vida de Jesus transcorre num caminho marcado pelo conflito e, no conflito, assume uma posição de solidariedade a favor das vítimas que o conduzirá inevitavelmente à morte.

Todavia, a missão de Jesus não era a mesma de Pedro. Quantas e quantas vezes nossas visões e interesses se distanciam do projeto de Jesus? Pedro, diante de uma experiência fantástica, pensa que o alto da montanha é o melhor lugar para permanecer. Sente o desejo de fazer tendas, estabelecer-se ali mesmo e vivenciar a vida cristã como se fosse um eterno retiro, longe do barulho das pessoas, das cidades e vilas. Um ambiente ideal para viver de contemplação. Pedro, porém, ouvia tão somente a própria voz. Tinha um projeto pessoal que se distanciava muitíssimo do projeto de Jesus. Quando ouvimos a própria voz, deixamos de ouvir a voz de Deus. Nesse sentido, os ruídos que nos atrapalham não são somente externos, mas também internos.

Descer a montanha será para os discípulos muito mais difícil do que subi-la. Eles se acostuariam facilmente com a zona de conforto proporcionada pela experiência religiosa e da experiência ficariam reféns. Transformariam a vida de Cristo numa experiência intimista e desconectada da realidade conflituosa. Mas se fazia necessário descer a montanha. É justamente em meio ao povo que se vive e se faz missão. Jesus bem sabia que a boa notícia não poderia ficar escondida. Descer a montanha traz o sentido de fazer o caminho para dentro da realidade. Toda a mensagem de Jesus nasce da realidade política, social, econômica e religiosa. Ele jamais nega a realidade, pois

## Cultura Juvenil

### perspectivas e desafios para novos tempos

*Antonio Ramos do Prado, SDB (org.)*



Este livro é para a todas as pessoas que trabalham com a juventude e especialmente aos jovens. Todos os autores desta obra atuam dentro da compreensão juvenil, tanto na área da evangelização como nas áreas da educação e acompanhamento. Os conceitos de juventude estão sempre em mudança, pois os jovens vivem numa sociedade que muda constantemente seus paradigmas. Desejamos para os jovens que o humanismo cristão seja fonte de eterno viver e que a civilização do amor possa acontecer de fato.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





vive para transformá-la. Nesse caso, o cotidiano é o espaço privilegiado da atuação de Jesus. Ele pode até mesmo, por breves momentos, subir montanhas. Mas suas raízes e missão se encontram no meio do povo.

Pedro, como porta-voz de seus companheiros, é apresentado como carente de inteligência. Ele traz no coração o desejo de reter permanentemente a revelação da glória celeste. Pode-se dizer que esse desejo, na perspectiva humana, é compreensível, mas se contrapõe ao chamado dos discípulos ao seguimento de Jesus pelo caminho da cruz. Eles experimentam uma antecipação da bem-aventurança celestial e por isso dizem: “É bom estarmos aqui”. Pedro pensava segundo a perspectiva do triunfo. Imaginava um Cristo vitorioso para vitoriosos. A lógica da vitória impedia Pedro de se ver adequadamente e, por isso, sua proposta parecia querer desviar Jesus de seu trajeto de solidariedade com as vítimas da história. Jesus, por sua vez, constrói seu itinerário pessoal e teológico com base na solidariedade com os pequeninos, mesmo que para isso seja necessário ser vítima do Império Romano, como tantos outros do seu povo já haviam sido.

### III. Pistas para reflexão

– Precisamos nos transformar de consumidores de ruídos em facilitadores de diálogos. O ruído provoca atritos e acaba por construir muros entre as pessoas. E o diálogo é um exímio instrumento para criar pontes entre as pessoas. Somente por meio do diálogo, ou seja, da arte de falar e reconhecer esse mesmo direito ao nosso interlocutor, é que podemos conhecer novos mundos que estão além de nós mesmos.

– A vida cristã acontece na história, em meio aos conflitos nela gerados, e não no alto das montanhas. Jesus deixou bem claro que o local preferencial para o exercício da vida cristã é justamente entre as pessoas. A vida

cristã não pode ser vista nem muito menos ser compreendida como fator de alienação. A história é o palco onde vivemos intensamente a vida de Cristo a fim de transformá-la.

3º DOMINGO DA QUARESMA

8 de março

# Jesus como mediação da vida de Deus

## I. Introdução geral

O que seria uma religião verdadeira? Ao longo da Bíblia, encontramos uma resposta invariável: é aquela pensada e vivida à luz de um projeto de libertação. Toda religião que aprisiona as pessoas e impede seu crescimento deixa de representar a verdade e passa a ser grande mentira. Deus sempre é aquele que propõe e defende a vida e, portanto, a religião invariavelmente necessita se pôr ao lado daquelas pessoas que vivem em estado de empobrecimento.

Neste domingo, a liturgia nos leva a perceber que a religião verdadeira somente pode ser pensada à luz de um projeto de libertação. Nada do que aprisiona e mantém o ser humano em um estado de antvida pode ser considerado como divino.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: Ex 20,1-17

A primeira leitura nos traz à mente a importância de meditarmos os dez mandamentos como se fossem os pilares básicos da construção da vida. No entanto, antes mes-



mo de apresentar os mandamentos, há como que uma introdução que estabelece o terreno teológico onde os mandamentos estão edificados. É justamente para esse terreno que devemos voltar nossos olhos, pois nele se percebe a experiência de Deus como presença libertadora e protetora da vida: “Eu sou Javé seu Deus, que tirou você da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,2).

O terreno que alimenta os mandamentos é a liberdade. Pode-se dizer, por consequência, que a sociedade que se espera construir à luz dos mandamentos é baseada em relações de libertação, fraternidade e solidariedade; uma sociedade onde caibam todos.

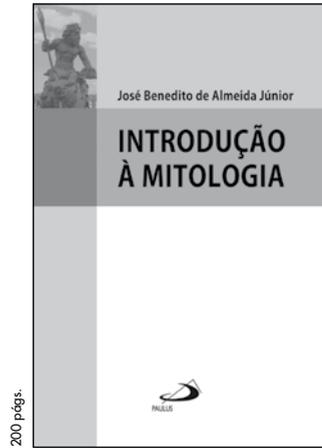
## 2. II leitura: 1Cor 1,22-25

Na segunda leitura mergulhamos num conceito às vezes estranho para a maioria de nós: é na fraqueza que se manifesta a força de Deus. Contrariamente às nossas percepções que nos levam a pensar sempre em vitória e sucesso, o projeto de Deus se insere na realidade, marcando uma contradição entre o projeto divino e o projeto humano. O relato do êxodo já nos indicava essa percepção. Desde o reverso da história, Deus fez uma opção diaconal pelos escravos, os mais fracos, e deu as costas ao faraó e seu sistema imperial – o mais forte. Com base na fraqueza, Deus construiu uma história de liberdade e de vida fraterna.

Paulo, escrevendo aos coríntios, descreve a complexidade da mensagem de Jesus aos olhos de alguns grupos: seria uma impostura para os judeus e loucura para os gregos. Anunciar um Messias crucificado seria um despropósito! Afinal, a cruz não seria a negação da própria vocação do Messias? A cruz de Cristo pode, sim, parecer loucura e sinal inevitável de fraqueza. Todavia, Deus transformou a cruz em sabedoria e caminho de salvação. Na teologia paulina, cresceu substancialmente a compreensão e a convicção de que Deus escolheu preferencialmente os mais pobres.

## Introdução à mitologia

*José Benedito de Almeida Júnior*



A mitologia é o estudo comparado das narrativas míticas de diferentes povos no mundo. Os mitos são as narrativas de histórias sagradas. Explicam como uma realidade passou a existir: um acidente geográfico, as origens de espécies animais e vegetais, o ser humano, os deuses, o cosmo. Tais narrativas são constituídas de símbolos cujas mensagens chegam ao inconsciente, ajudando o ser humano a superar as etapas da vida e a compreender o sentido da existência.

*Ingressos meramente ilustrativos.*

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





## 2. Evangelho: Jo 2,13-25

Há no texto de João uma insistência na novidade escandalosa da mensagem e da pessoa de Jesus. João, diferentemente dos sinóticos, insere o episódio dos comerciantes do templo no começo do ministério de Jesus, durante sua primeira subida pascal a Jerusalém. Certamente o relato indica a ideia de que o culto espiritual da Igreja, o Corpo de Cristo, pôs fim ao culto sacrificial do templo. A partir desse momento, a incorporação ao novo povo da nova aliança acontece necessariamente pela fé. A confiança na identidade étnica ou na circuncisão já não é considerada como chave de pertença à nova realidade que se apresenta. “Muitos creram em seu nome, vendo os sinais que fazia” (v. 23). A mediação acontece unicamente por meio de Jesus. Nisso podemos ver a novidade significativa do evangelho, ou seja, lugares e objetos sagrados são substituídos por uma pessoa. Em Jesus a dignidade de todo ser humano é resgatada. Nele a humanidade se vê com outros olhos e pode se pensar como participante de um novo projeto no qual a morte dá lugar à vida e a prisão à liberdade.

Em Jesus se manifesta plenamente o amor com que Deus ama a todos os seres humanos. Jesus é o rosto humano desse Deus cuja presença os judeus celebravam anteriormente na colina de Sião. O templo de seu corpo faz que atualizemos cada vez mais qual

seria o significado concreto da Igreja para nós. Não há como fugir dessa responsabilidade! O mais importante é, de fato, o templo de seu corpo, ou seja, o acontecimento da graça personificado em Jesus morto e ressuscitado. Jesus muito possivelmente está dizendo: não olhem para o templo e seus ritos; olhem para mim. O corpo ressuscitado de Jesus é o novo templo. Já não é um lugar ou lugares que nos definem, mas, sim, uma pessoa.

A cidade de Jerusalém está fervilhando de gente. Pessoas vindas das mais diferentes regiões se aproximam para a celebração da Páscoa. Um momento sublime para a história do povo de Deus que, no entanto, estava sendo manipulado tanto pelos religiosos quanto pelos políticos. Manipulava-se a religião e se oprimia o povo em nome de Deus. Naquela época, todo judeu maior de idade devia ir à festa e pagar ao templo os impostos prescritos. Eram pagos em moedas tírias (cunhadas numa cidade conhecida por Tiro). Por ser uma cidade pagã, as moedas não podiam entrar no templo e, por conta disso, havia os cambistas sempre prontos a fazer o câmbio (quando cobravam uma taxa de 8%).

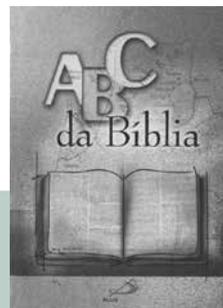
Jesus, que não concordava com essa situação, assume uma atitude que tanto incomodou no passado quanto nos incomoda hoje: fez um chicote e expulsou todos do templo. Jesus lembra com suas palavras a mística dos profetas quando denunciavam (veja, por exemplo, Is 1,10-20 e Jr 7,1-10) a celebração realizada

### ABC da Bíblia

Trata-se de um livrete-programa para cinco encontros, destinados às comunidades de base, círculos bíblicos e outros grupos dedicados ao estudo da Bíblia. É útil também para uma leitura pessoal. De apresentação bastante simples, não oferece dificuldade para o leitor de nenhuma categoria social. (40 páginas)

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011 | SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL | [paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Imagens meramente ilustrativas.



no templo de Jerusalém completamente desvinculada da vida. Jesus age como verdadeiro profeta ao denunciar a maneira pela qual a casa de Deus podia ser manipulada.

“O zelo por tua casa me consome.” Jesus restaura o significado de casa de Deus. A casa de Deus deveria ser entendida como lugar para anúncio da Palavra, e não para fazer da religião um comércio. Jesus profetiza contra o templo diante do pedido de um sinal pela população e fala a respeito da ressurreição. Ele veio para renovar as estruturas totalmente, e não apenas para colocar remendos velhos.

Poderíamos até mesmo estranhar a severidade da atitude e das palavras de Jesus. Não há nele, nesse momento, nenhum grau de flexibilidade. Ele não dá espaço para negociação ou debate. Trata-se de sua primeira visita ao templo de Jerusalém e a primeira impressão é a que fica. Aquilo que Jesus vê não era algo raro. Dia após dia, a mesma cena se repetia aos olhos de todas as pessoas. Quem se dispunha a fazer alguma coisa? Jesus tinha uma consciência privilegiada de como a religião deveria ser vivida. *Performances* ritualistas de nada adiantavam. É a vida que se reveste de sacralidade e precisa ser defendida. Naqueles dias, as atitudes religiosas estavam corrompidas pelos interesses econômicos e políticos do grupo dominante.

### III. Pistas para reflexão

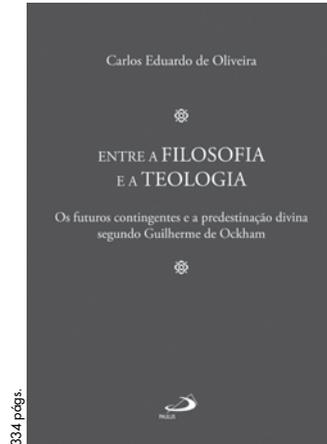
– A celebração na Igreja deveria estar ligada à vida do cotidiano. Muitas vezes vivemos um tipo de vida na Igreja e outro quando estamos fora dela. Achamos que não há nenhum problema ou contradição nesse caso. Mas, para a Bíblia, a celebração deveria ser compreendida como uma extensão da própria vida.

– Uma das melhores percepções que podemos ter a respeito da cruz de Jesus é vê-la como um sinal de solidariedade. Ela não re-

## Entre a Filosofia e a Teologia

### Os futuros contingentes e a predestinação divina segundo Guilherme de Ockham

Carlos Eduardo de Oliveira



334 pág.

liberdade, necessidade, livre-arbítrio, contingência, ciência e vontade. Um antigo debate gira em torno desses elementos: se o homem é livre para escolher, é possível que alguém saiba previamente o resultado de suas escolhas sem privá-lo de sua liberdade? Aristóteles afirma: liberdade supõe indeterminação, e a indeterminação parece implicar a impossibilidade de se saber previamente como algo se dará. Justamente o contrário do que defende a fé num Deus onisciente: Deus sabe exatamente como será nosso futuro e, ainda assim, somos livres. Onisciência e liberdade são compatíveis?

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





presenta a fraqueza de Jesus diante das forças imperiais da morte. Ao contrário, a cruz nos informa que Jesus não abdica de seu projeto de solidariedade com os pequeninos, mesmo que seja levado à morte.

– Os pilares básicos da construção da vida devem ser fundamentados no Deus libertador. Os dez mandamentos indicam exatamente essa direção. Antes dos dez mandamentos, encontramos a realidade social na qual se inserem; ou seja, eles se constituem de forma contrária à vida de opressão no Egito. São, portanto, pilares que ajudam a perceber como uma sociedade baseada na liberdade deveria ser construída.

4º DOMINGO DA QUARESMA

15 de março

## Salvos pela graça

### I. Introdução geral

Somos salvos por iniciativa de Deus. Sua graça, um favor imerecido, alcança-nos, transformando nossa condição. Em Cristo, e somente por causa dele, saímos da condição de mortos pelos pecados e passamos à condição de homens e mulheres plenificados pela vida. É verdade que muitos agem de forma inconsequente e infiel a Deus, até mesmo pensando que, por causa disso, ele se afastaria de nós. Mas devemos sempre nos lembrar de que as misericórdias de Deus se renovam a cada manhã, possibilitando-nos, assim, viver sob nova perspectiva.

### II. Comentários aos textos bíblicos

#### 1. I leitura: 2Cr 36,14-16.19-23

A primeira leitura nos mostra que Deus não abandona seu povo. O amor de Deus é

oferta gratuita que atinge o ser humano de dentro para fora e o transforma completamente. Deus nos ama porque ele é bom, e não porque haja em nós a mesma bondade.

O texto de 2 Crônicas parece dizer com todas as cores que grande parte da população não caminhava segundo o coração de Deus: “as autoridades, os sacerdotes e o povo aumentaram os crimes que cometiam” (36,14). A prática da maldade era para eles corriqueira. A violência estava em suas mãos e, conseqüentemente, a luz vermelha se acendeu. Javé enviou mensageiros e profetas, mas de nada adiantava. A consciência deles havia se cauterizado. Uma tragédia se avizinhava, porque as pessoas deixavam o projeto de Deus e seguiam os desejos do próprio coração. O exílio para a Babilônia seria inevitável, porque “a ira de Javé contra seu povo chegou a tal ponto que não houve mais remédio” (v. 16).

O exílio viria, certamente. Mas ele não significava a derrocada da esperança. Existe, sim, esperança para o povo. O coração de Javé gera eternamente a esperança: “Javé, cumprindo o que tinha dito por meio do profeta Jeremias, despertou a consciência de Ciro, rei da Pérsia [...]. Ele me encarregou de construir um templo em Jerusalém [...] todos os que pertencem a esse povo e vivem entre nós podem voltar para lá. E que Javé, seu Deus, esteja com eles”.

#### 2. II leitura: Ef 2,4-10

Na carta aos Efésios podemos observar a mudança radical provocada pela presença de Deus. Nos vv. 1-4, relata-se a vida entregue aos instintos egoístas e tomados pela falta de esperança. No entanto, após a descrição que demarcava espaços de morte, o v. 4 se inicia com palavras que indicam esperança: “Deus, porém...”. Nunca tão poucas palavras fizeram tanta diferença para alterar o rumo da história da humanidade. Deus é apresentado como rico em misericórdia, amor, favor e



bondade. O texto é muito claro nesse sentido: a iniciativa pertence a Deus e sua ação misericordiosa atinge a todas as pessoas indistintamente, tanto ontem quanto hoje.

Jesus é a personificação do amor do Pai levado às últimas consequências. Pode-se dizer, portanto, que a salvação de Jesus é para todas as pessoas, porque Deus enviou seu Filho ao mundo não com o supremo propósito de condená-lo, e sim de salvá-lo. O projeto de Deus em Jesus tem por objetivo erradicar as forças do sofrimento, da injustiça, do pecado e da opressão para criar canais que comuniquem vida em plenitude. Por isso, todos os caminhos que tomamos e que vão contra a vida, negando-a, não pertencem absolutamente a Cristo.

### 3. Evangelho: Jo 3,14-21

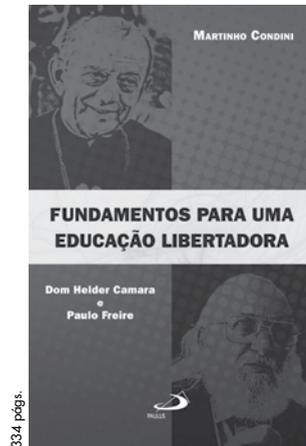
Estamos diante da primeira proclamação que Jesus faz a seu próprio respeito no Evangelho de João. Todavia, há necessidade de pensar numa proclamação delimitada pelas relações luz *versus* trevas e prática de verdade *versus* ações más. São relações de oposição que, por isso mesmo, se distanciam. Nesses polos opostos é que nos inserimos ou não. Vinculamo-nos a um ou a outro, jamais negando os dois. Trata-se das convicções externas pela primeira comunidade a respeito de Jesus. As convicções trazem o desafio da decisão: viver na luz ou viver nas trevas; praticar a verdade ou gestos de maldade. Praticamos a verdade ou a maldade sempre em relação aos outros. Vivemos em sociedade e somos seres relacionais. Toda ação má e injusta possui um alvo certo. Ações injustas provocam vítimas e causam sofrimento. Nelas não há qualquer sombra de vida, mas, sim, a intensidade e a densidade da morte. Aqueles que agem mal-dosamente somente podem sobreviver porque produzem vítimas, isto é, sobre o corpo das vítimas é que se edificam.

O v. 19 esclarece bem que nossos comportamentos não são previamente defini-

## Fundamentos para uma educação libertadora

**Dom Helder Camara e Paulo Freire**

*Martinho Condini*



Este livro apresenta Dom Helder Camara como educador, a partir do seu trabalho político-educacional à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife. Apontar a relação Helder-Freire é relevante para a educação, pois ambos tiveram uma trajetória semelhante em diferentes setores: a construção de uma Igreja libertadora e a construção de uma educação libertadora. A apresentação, neste livro, de Dom Helder como educador e do seu trabalho político-educacional como uma proposta educacional libertadora solidária corrobora e é corroborada pela pedagogia freireana.

*Ingressos meramente ilustrativos.*

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





dos por qualquer força externa. Decidimos conforme nossos interesses e dos grupos dominantes da sociedade: “A luz veio ao mundo, mas as pessoas preferiram as trevas em lugar da luz”. Nega-se a luz para viver nas trevas e, assim, negar a vida às outras pessoas. Odeia-se a luz e, ato contínuo, odeiam-se também as pessoas. Quem odeia a luz transforma os outros em seu inferno. Nesse caso, meu inferno sempre é o outro e, por isso, deve ser combatido, isolado, vencido e vitimizado. Jesus foi enviado por Deus para que todas as pessoas tenham vida. O texto de João é exemplar, lemos no v. 16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu único Filho para que tenham a vida eterna”. Jesus não foi enviado para condenar o mundo, mas para salvá-lo. É possível dizer que, em seu projeto de pleno amor, Jesus não olhava primeiramente para o pecado das pessoas, e sim para o seu sofrimento.

Salvos pela graça. Somente a abundante graça de Deus é que pode recriar quem somos e para onde vamos. A mensagem fundamental das três leituras percorre o mesmo caminho: por maiores que possam ser as infidelidades do ser humano, é possível confiar absolutamente na misericórdia de Deus. Se na primeira leitura o autor interpreta a história do exílio para a Babilônia e a consequente volta dos deportados, a segunda leitura, de Efésios, acrescenta o motivo especificamente cristão: “Estando nós mortos pelos pecados, nos fez viver com Cristo – por pura graça sois salvos –, nos ressuscitou com Cristo Jesus e nos assentou no céu com ele”.

A gratuidade nem sempre é bem-vista numa sociedade que põe preço em tudo. A prática do serviço desinteressado é vista com desconfiança. Sempre pensamos qual vantagem a pessoa deseja obter. Por que tudo precisa ser remunerado? Por que somente possuem valor as ações que recebem uma etiqueta com o preço devido? Devemos

pensar a gratuidade na dimensão de nossas relações constitutivas com os irmãos e irmãs e com Deus. Devemos compreender que somos todos irmãos, e o significado mais pleno e acabado dessa compreensão é que fomos todos – sem exceção – gerados no mesmo seio materno. Consequentemente, contraímos a dívida do amor mútuo. Os textos bíblicos são exemplares em afirmar e reafirmar essa dimensão. E o apóstolo Paulo indica belo caminho prático: “Que o amor fraternal os preencha de afeto uns para com os outros” (Rm 12,10).

Não há necessidade de ficar esperando a fim de receber o afeto de outra pessoa. Faz-se necessário sair de nossas zonas de conforto e ir ao encontro dos outros. Nesse sentido, sempre nos cabe o primeiro passo. “Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, é preciso que o Filho do homem seja levantado, para que todos os que crerem tenham nele a vida eterna”.

### III. Pistas para reflexão

– Quais alterações a presença de Deus provoca em nós? Devemos nos pensar à luz dessa questão, ou seja, não podemos permanecer do mesmo jeito, com os mesmos projetos e valores, fazendo sempre a mesma coisa, se nossa vida foi marcada pela presença de Deus.

– Existe um “porém” de Deus. Somos limitados e provisórios, além de vivermos em uma sociedade altamente complexa. Às vezes parece que não há qualquer saída para os muitos perigos que vivemos. Nesse caso, a esperança parece nos faltar e permanecemos em verdadeira crise de fé. Os textos de hoje nos recordam que podemos pôr toda nossa esperança em Deus. Em cada um de nós, Deus depositou um “porém” que nos faz resistir aos dias maus.



5º DOMINGO DA QUARESMA

22 de março

# Serviço e solidariedade como marcas das ações e discursos de Jesus

## I. Introdução geral

A disposição para o serviço é essencial. Muitas vezes pensamos a vida cristã a partir de possíveis privilégios que possamos ter. Queremos tudo de Deus, desde que ele não exija nada de nós. Nosso coração entra em aliança com Jesus não para vivermos privilégios, mas para que aprendamos a viver na dimensão do serviço.

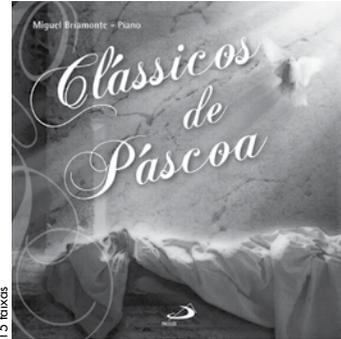
## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: Jr 31,31-34

A primeira leitura traz um texto pequeno, mas denso de conteúdo. Desde o v. 23 encontramos retratados os diversos aspectos da restauração durante e logo após o exílio, e, especificamente nos vv. 31-34, o aspecto decisivo é a nova aliança escrita no coração do ser humano (ver também Ezequiel 16,59-63). Jeremias faz questão de frisar que a nova aliança é bastante diferente daquela aliança firmada com os pais no Egito. Mas o que se entende por nova aliança? Antes é preciso lembrar que a libertação do Egito não foi um evento qualquer. É considerada o início da história de Israel. Portanto, mencionando a aliança do Egito e opon-

## CD - Clássicos de Páscoa

Miguel Briamonte - Piano



O CD "Clássicos de Páscoa" reúne uma coletânea de conhecidos hinos pascais arranjados e executados ao piano por Miguel Briamonte. Também podemos escutar trechos do famoso Oratório "O Messias", de G. F. Händel. Todas as músicas trazem serenidade e confiança pela beleza de suas linhas melódicas e variadas cores de suas harmonias que se encontram com a mensagem e razão da Páscoa.

Ingenius meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





do-lhe a nova, Jeremias quer dizer que esta deve ser vista como algo especial.

A nova aliança introduz um período equivalente ao iniciado com a primeira. Aliança que inaugura uma grandeza tão ampla quanto a inaugurada com o surgimento de Israel. Em outras palavras, a nova aliança inaugura uma nova história de Israel. E qual o perfil dessa nova história? É justamente o surgimento de uma sociedade que respeite a relação com o semelhante, que respeite sua individualidade, sua propriedade, seu direito à vida e à liberdade; uma sociedade onde não se oprime e se defende a vida dos estrangeiros, órfãos e viúvas; uma sociedade em que o ser humano é tratado como sujeito, e não como coisa. Mas o que há de novo? A novidade da segunda aliança é esta: “colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração” (v. 33). A vontade de Deus já não será algo vindo de fora, necessitando de interpretação, de explicação e de ensino. A vontade do ser humano passa a ser idêntica à vontade de Deus, a qual deixa de ser algo alheio. Isso indica que haverá absoluta identificação e espontaneidade no cumprimento da vontade de Deus. Todos, grandes e pequenos, conhecerão Javé. E basta lembrar que “conhecer” não deve ser reduzido a um conhecimento intelectual, mas significa um conhecimento prático que envolve toda a existência do ser humano; uma experiência íntima de todos com Javé. De todo modo é preciso salientar que a nova aliança somente é possível porque Javé perdoa e esquece as culpas e os erros. É o próprio Javé que cria as condições necessárias para que a nova aliança possa, de fato, se realizar.

## 2. II leitura: Hb 5,7-9

Jesus não precisa atribuir a si mesmo qualquer título. Não vê necessidade de construir para si um nome. A arrogância não se faz presente e não o atinge. O título vem de fora, isto é, de Deus. Ao não olhar

para si mesmo, Jesus pode ser chamado, ao mesmo tempo, de Filho de Deus e de sacerdote da ordem de Melquisedeque. O fundamento dessa atribuição pode ter sido o fato de Jesus ser solidário com a humanidade ao enfrentar a morte.

A solidariedade é, pois, definidora da verdade. Somos sempre em relação aos outros. E deixamos de ser quando voltamos nossas costas aos outros. Dito de outra forma, amamos uns aos outros ou destruimos uns aos outros. Jesus resolveu trilhar o caminho da solidariedade. Para ele, a morte não era um dado problemático, porém a falta de solidariedade, esta, sim, seria um problema de difícil convivência.

## 3. Evangelho: Jo 12,20-33

A segunda e terceira leituras se referem à paixão e à morte de Jesus. A carta aos Hebreus vê o significado profundo desse drama na atitude de obediência de Jesus durante sua existência. Todavia, não é tão simples assim pensarmos em obediência. Como verificá-la e como saber o que Deus espera de cada um de nós? Poderíamos pensar em dois caminhos/respostas. Um deles nos levaria aos gregos, que buscam a Jesus e, em determinado momento, dizem: “Queremos ver Jesus” (v. 21). Um caminho mais seguro, que não exige praticamente nada deles. No entanto, João indica um caminho um tanto quanto mais arriscado e difícil de assimilar: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto” (v. 24).

O discípulo e missionário de Jesus Cristo deve compreender que a obediência da fé consiste em aceitar sua condição mortal – isto é, de provisoriedade – e dar sentido ao que é e faz à luz da própria paixão e morte de Jesus. A autenticidade do caminho que Jesus percorreu é reconhecida por Deus. Da mesma forma que o grão de trigo morreu para dar vida em abundância, Jesus solidariamen-



te morreu a fim de que a vida superabundasse naqueles que já estavam mortos.

No entanto, é preciso ressaltar que não encontramos em Jesus nenhuma situação que nos lembre um fanático suicida, e muito menos seu comportamento nos lembraria o de um masoquista. Durante todo o seu ministério encontramos Jesus preocupado em consolar e libertar de seus sofrimentos as pessoas com as quais se encontrava. Ele não olhava primeiramente para os pecados das pessoas, e sim para o sofrimento delas, a fim de se apresentar como alguém solidário. Se dizemos que Jesus aceita para si mesmo uma situação de perseguição e de martírio, é porque ele faz um caminho marcado pela solidariedade e pelo amor. Ele não sofre por sofrer, assim como não atribui valor ao sofrimento pelo qual passa.

A morte é a capacidade do grão de liberar a capacidade da vida que possui. Mas como poderíamos viver sem a convicção de que somente crescemos quando nos doamos? Jesus é o grão de trigo semeado para que nossa fome possa ser saciada. “Foi precisamente para esta hora que eu vim”, indica a firme decisão de Jesus. Ele não abrirá mão de um projeto de solidariedade junto aos pequeninos e desamparados deste mundo.

O v. 21 é emblemático. A pergunta dos gregos revela muito mais do que desejavam: “Senhor, queremos ver Jesus”. Muito possivelmente, todos querem ver Jesus. Afinal, ele havia se transformado numa celebridade. Suas ações e discursos já não podiam passar despercebidos. Mas o fato de apenas ver Jesus não transforma ninguém em discípulo. Sempre houve certa quantidade de pessoas que seguiam Jesus de longe. Ao tomar certa distância de alguém, dizemos não a qualquer forma de compromisso. Se muito perto estiver, é possível que o mestre interrompa meu espaço reservado com alguma pergunta incômoda, por exemplo: “Vem e segue-me”.

## CD - Francisco, no abraço do Redentor

### Presença Inspiradora

Ir. Miria T. Kolling, ICM



Por ocasião da primeira visita do Papa Francisco ao Brasil em 2013, Ir. Miria acompanhou de perto os passos do Papa e suas mensagens. De cada mensagem, uma frase marcante serviu de inspiração para que a poesia viesse acompanhada de lindas melodias. Belas músicas e belos arranjos que nos fazem manter viva em nossa memória a grande mensagem de esperança que o Papa Francisco trouxe ao Brasil e ao mundo de hoje.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





Jesus está em Jerusalém. A cidade santa também será o local do martírio e da dor. Pois é exatamente nela que Jesus deixa bem claro o sentido de sua missão: dar a própria vida para que todos tenham vida. Jamais um único grão de trigo, ao cair na terra, produziu tanto fruto! Na perspectiva de Jesus, a crucificação não é motivo de derrota e muito menos de desânimo. Trata-se de um momento ideal para ressignificar a vida por meio da solidariedade. Nesse sentido, a crucificação não representa para Jesus o final da jornada, e sim a melhor resposta que ele poderia dar às vítimas da sociedade.

Discipulado também tem a ver com serviço. Não se segue Jesus apenas para lhe fazer companhia. Não se trata de uma viagem agradável entre amigos pelo caminho. Contrariamente a esse entendimento, o próprio Jesus diz: “Se alguém quiser servir a mim, que me siga. E onde eu estiver, aí também estará o meu servo. Se alguém serve a mim, o Pai vai honrá-lo” (v. 26). Não se faz discípulo sem disposição para o serviço, e muito menos se serve a Jesus sem o serviço aos irmãos e irmãs.

### III. Pistas para reflexão

– “Quero ver Jesus” deveria ser nossa oração diária. Discipulado verdadeiro é aquele que nos leva a contemplar a face de Jesus no dia a dia. Caminha-se com Jesus não apenas um dia, e sim diariamente. Muitos são aqueles que se apresentam como discípulos por temporada e logo depois desaparecem, a fim de reaparecer em outro momento.

– Frutos acontecem quando saímos de nós mesmos e nos doamos aos outros. Essa é a lógica que rege a vida cristã. Quem se economiza fica do mesmo tamanho. Todavia, aquele que se doa acaba por se multiplicar. Quanto mais partilharmos nossa vida, mais frutos colheremos.

DOMINGO DE RAMOS

29 de março

# Amar desinteressadamente

## I. Introdução geral

Jesus não hierarquiza as pessoas entre melhores e piores, puras e impuras, maiores e menores. Por onde ele passa, as pessoas já não podem continuar do mesmo jeito ou assumir a indiferença como projeto de vida. Jesus vê o ser humano em toda a sua plenitude e não se deixa contaminar pelos preconceitos já enraizados na sociedade, que causam separação e desunião. Ao reconhecer os seres humanos como iguais, ele está indicando o caminho do serviço desinteressado que devemos seguir como discípulos e missionários dele. Em oposição à tendência que temos de construir preconceitos e agir de forma intolerante, Jesus nos convida a trilhar um estilo de vida onde caibam todos!

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: Is 50,4-7

A primeira leitura se refere ao terceiro cântico do servo. Nesse cântico, é retratada de maneira cristalina a missão do servo. Missão marcada pela escuta da Palavra de Deus, pela fidelidade ao anúncio, pela perseguição e pela resistência. O texto insiste na condição do servo como discípulo. Por uma vez ele é retratado como discípulo que possui uma língua “dada” por Deus e, por três vezes, é retratado como alguém que ouve. E notemos que Deus é sempre o autor da ação. Nada se inicia no servo. Sempre é Deus que age, tanto para o discípulo falar quanto para ouvir. To-



davia, o ouvir se apresenta como de primordial importância.

Ouvir tem a ver com obediência. O discípulo, portanto, faz-se numa caminhada de obediência e de esperança ativa. Não basta se autoproclamar discípulo e permanecer na mesma condição indefinidamente pelo resto da vida. A imobilidade não faz parte do perfil daquele que segue Jesus. A figura do servo sofredor abre uma perspectiva nova. O personagem profético designado com o nome de servo padece o sofrimento porque veem nele a consequência dos pecados do povo. Ele carrega as dores dos outros. Todavia, o martírio vivido pelo servo se apresenta como a cura para os demais. Visto que justificou a multidão, o Senhor o exaltará e aceitará seu sacrifício.

## 2. II leitura: Fl 2,6-11

O texto de Paulo em Filipenses 2 é contracultural. Um texto que subverte a lógica da sociedade e produz um projeto de vida na perspectiva dos menores. Jesus renuncia ao direito de ser tratado como Deus para ser tratado como ser humano e, entre os humanos, ser tratado como um entre os seus menores. Ele se apresenta como obediente. Não importa se essa obediência o levará à morte. O que mais importa é a presença dele entre as muitas cruces que o Império Romano disseminava naquela época e as muitas cruces que o nosso povo hoje precisa carregar. Bem que ele poderia ter se encarnado como um membro do Sinédrio judaico, um senador romano, quem sabe um proprietário de terras, ou ainda como um César. Mas como poderia ele se assemelhar a todos aqueles que usavam de seus espaços de poder econômico, religioso e político para oprimir o povo? Necessariamente o projeto de Jesus nasce desde baixo. Ele se encontra na base da pirâmide social do Império Romano. No entanto, ele não se encontra sozinho. Junto a ele estão milhares de escravos que sofrem na esperança de libertação.



lúcio américo  
arte sacra

tendalucio@gmail.com  
(11) 98729.6727

[www.lucioartesa.com](http://www.lucioartesa.com)



Jesus se esvazia porque somente vazio pode se preencher, preenchendo os outros. Que lógica invertida: somente vazios é que podemos ser bênçãos para os demais. Nesse belíssimo texto, temos dois movimentos brilhantes: um descendente e outro ascendente. Jesus, num movimento descendente, esvazia-se e humilha-se e Deus, num movimento ascendente, eleva à condição de Senhor aquele que havia chegado à mais baixa humilhação. No entanto, devemos observar que Jesus, elevado à condição de Senhor, não se apresenta como um César. Jesus sempre se apresentará como um Senhor que é, ao mesmo tempo, um servo.

### 3. Evangelho: Mc 14,1-15,47

A mensagem de Jesus ofereceu aos homens e mulheres uma esperança capaz de curá-los de sua miséria mais profunda. Se de um lado temos a salvação, de outro temos as várias faces do pecado. E, nesse sentido, a paixão de Jesus se encontra misteriosamente ligada ao pecado da humanidade. Entendendo o pecado como a recusa do amor, podemos dizer, por conta disso, que Jesus sofreu o martírio como verdadeiro servo de Deus. Aos olhos de Deus, a pior desgraça possível se verifica quando homens e mulheres impõem a si mesmos a traição à sua própria vocação, isto é, amar desinteressadamente. E Jesus vai morrer justamente porque se comprometeu até as últimas consequências com os oprimidos, com os pobres e com os pecadores. Pode-se dizer, portanto, que a paixão de Jesus tem um sentido eficaz por causa da relação dela com sua missão divina e com a libertação de seus irmãos e irmãs.

Os títulos dados a Jesus em Marcos vão ganhando progressivamente densidade: Filho do homem, Messias, rei dos judeus e, finalmente, Filho de Deus. E é um centurião romano que outorga a Jesus o mais importante dos títulos: “Realmente este homem

era Filho de Deus” (Mc 15,39). A morte de Jesus é uma consequência do plano dos líderes políticos e religiosos daquele tempo. Em Marcos, a boa-nova aparece como a prática de Jesus que provoca reações em cadeia desde o início. Não há como ficar do mesmo tamanho diante da presença dele. Sem dúvida, somente a paixão do profeta mártir galileu seria capaz de dar um sentido à paixão que sofrem milhões de homens e mulheres empobrecidos e oprimidos em nossa terra. Ao nos apresentarmos como discípulos missionários de Jesus crucificado, devemos assumir um combate sem trégua contra as raízes humanas do mal.

A cena de Marcos 14,1-9 é inusitada. Dois personagens se destacam: um leproso, denominado Simão, e uma mulher anônima. Personagens sem importância na estrutura social da época que se tornam protagonistas da missão de Jesus. Diante dos leprosos, havia que manter boa distância. A impureza dos leprosos contaminava a todos os que deles se aproximavam. Jesus, que é puro, reúne-se incredivelmente com aqueles considerados impuros sem se tornar ele mesmo impuro. A ação de Jesus é traumática. Sua ação não tem lógica alguma na estrutura religiosa que rege o comportamento de todos quantos estão naquela casa. Naquele ambiente, a tensão deveria ter sido grande. O leproso era percebido como grande perigo, porque era veículo inevitável de contágio. A pureza estava com os minutos contados. Contudo, Jesus inverte a lógica de uma sociedade que dividia as pessoas entre puras e impuras, hierarquizando as relações e transformando os impuros em uma subcategoria de humanos. Jesus não somente caminha em direção àqueles que viviam na periferia da vida, mas com eles faz questão de viver e de se relacionar. Nesse sentido, não há para Jesus impureza, e sim solidariedade e amor que transforma todas as pessoas numa grande família.



E na casa já marcada pela impureza, uma mulher dele se aproxima. Novamente o inusitado chama a atenção. Numa sociedade em que a mulher não poderia se apresentar sozinha e sem o senhorio de um homem, a anônima faz um dos maiores gestos já pensados em toda a história humana. Desde a periferia da vida em que se encontrava, ela reconhece em Jesus o Messias que vai morrer. Para muitos, o que ela faz é um desperdício. Mas para ela e para Jesus, trata-se de entrega desinteressada. Jamais uma anônima teve sua história perpetuada através de toda a história da humanidade. Em Jesus, novo tipo de protagonismo teve início, ou seja, ele devolve às pessoas aquilo que delas havia sido retirado, a dignidade de ser e de viver; devolve-lhes o direito de ir e vir, devolve-lhes a palavra e o direito de ser sujeitos numa sociedade que os havia coisificado. Naquela casa, Jesus desafia as barreiras secularmente construídas que discriminavam e marginalizavam os pequeninos.

### III. Pistas para reflexão

– Quais são os anônimos que nos rodeiam? Como nos relacionamos com eles? Muitas vezes nos esquecemos de que, como Igreja, precisamos ser a voz daqueles que não têm voz e a esperança daqueles que já não conseguem esperar nada da vida. Já não é possível fazer da indiferença o alimento diário da Igreja.

– Jesus nos apresenta um modelo de vida contracultural para viver em sociedade. Ele não busca o privilégio pessoal nem muito menos as melhores posições. Não se preocupa com o *status*, e sim com o serviço. Nossa sociedade faz o caminho inverso e estimula cada um de nós a buscar incessantemente o privilégio pessoal, mesmo que machuquemos o próximo. Nessa lógica, mais valeria o meu bem-estar do que o do próximo. Será realmente assim?

## Alegres cantemos Músicas para cantar a liturgia



272 págs.

Livro de compilação de músicas para serem cantadas durante a liturgia.

- O ano litúrgico (advento, natal, páscoa...);
- as partes fixas da missa (sinal da cruz, saudação inicial, ato penitencial...);
- as celebrações dos sacramentos (batismo, primeira eucaristia, crisma...);
- celebrações com crianças (contemplando o tempo litúrgico e o ordinário da missa);
- as mais diversas circunstâncias (celebrações vocacionais, missionárias, adorações eucarísticas, dentre outras).

São mais de mil músicas para auxiliar o Povo de Deus a cantar a liturgia. Sendo assim, alegres cantemos ao Senhor!

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Imagens meramente ilustrativas.



**Os Roteiros Homiléticos do Tríduo Pascal (Quinta-Feira Santa; Sexta-Feira Santa e Vigília Pascal) podem ser acessados no site da revista: [vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)**

DOMINGO DA PÁSCOA

5 de abril

# A Páscoa como o novo êxodo

## I. Introdução geral

A festa da Páscoa representa o centro de nossa fé. Muitos líderes e poderosos viveram e morreram, mas somente o túmulo de Jesus se encontra vazio. Na libertação de Jesus, somos todos libertados. A morte, que era poderosa, tornou-se frágil. A maior e mais terrível força já existente, que ameaçava a integridade e dignidade do ser humano, foi vencida de uma vez por todas pela ressurreição de Jesus.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: At 10,34a.37-43

Na primeira leitura encontramos o discurso que Pedro pronunciou na casa do centurião Cornélio. Nesse discurso, é sublinhada com insistência a parte que Deus tomou nos acontecimentos fundadores da Igreja: “Deus ungiu a Jesus com a força do Espírito Santo, Deus estava com ele, Deus o ressuscitou ao terceiro dia e nos fez vê-lo, Deus o nomeou como juiz de vivos e de mortos”. O anúncio de Pedro é que o acesso

à Igreja, um caminho de libertação, foi aberto por Deus a todos os homens e a todas as mulheres, tendo como única condição a conversão do coração.

Estamos diante de uma incrível dupla conversão. Tanto Pedro quanto Cornélio passam por um processo de transformação. Fronteiras e preconceitos devem ser vencidos e, para isso, a presença do Espírito Santo é essencial. O encontro de Pedro com Cornélio será de fundamental importância para entendermos como, à luz do amor de Cristo, podemos ser mais tolerantes uns para com os outros, apesar de nossas diferenças. Em Jesus já não há razão para pensarmos em impurezas. Não há cidadão de segunda classe e, por conta disso, uma revolução social tem início. Numa sociedade onde os melhores são diferenciados dos piores, os maiores diferenciados dos menores, Jesus demonstra que o humano é muito mais importante do que a possibilidade de dividi-lo em puro ou impuro.

### 2. II leitura: Cl 3,1-4

A ressurreição de Jesus representa a nossa própria ressurreição. E a ressurreição traz novo estilo de vida, definido como a busca das coisas do alto. Todavia, não se trata de trocar as coisas da terra pelas do alto nem de viver como se fôssemos alienados. O mundo em que vivemos foi criado por Deus, ele mesmo invadiu a história quando libertou os escravos no Egito e, supremamente, quando o Verbo se fez carne, assumindo a história da humanidade como se fosse a sua própria história. Não se trata, portanto, de desprezar a realidade do mundo em que vivemos, mas saber que temos um projeto do alto para este mundo.

### 3. Evangelho: Jo 20,1-9

É Páscoa, e não podemos nos furtar de celebrar a vitória de Jesus Cristo sobre a



morte. Graças a Jesus, podemos viver seguros de que também seremos ressuscitados. Nele e por causa dele nos incluímos no maior de todos os milagres da história. Mas também é possível pensar a Páscoa para muito além dessa percepção. Nela também está inserido um projeto de libertação de abrangência coletiva, e, nesse sentido, a visão e a compreensão vão um pouco mais além da promessa de abolição da morte individual. A festa da Páscoa representa o centro de nossa fé. A alegria foi devolvida a todos aqueles que pareciam viver em grande frustração sem fim. A partir desse momento, a pregação dos apóstolos estará sempre centrada no Cristo ressuscitado como o primogênito entre os mortos. Ele é o primeiro dentre muitos!

Podemos fazer memória do êxodo dos hebreus sob a liderança de Moisés como uma marcha libertadora de ordem espiritual, social e política. Todos os anos a Páscoa judaica comemorava aquela passagem da escravidão para a liberdade. A Páscoa significava um grito de liberdade contra todas as formas de violência e de opressão, tanto no passado quanto no presente. E à frente desse processo de libertação estava o próprio Javé. Um Deus que havia se revelado desde o reverso da história a partir das contradições da vida de um grupo de escravos.

A Páscoa cristã é um novo êxodo. Uma nova passagem, na qual Deus deseja fazer com que as pessoas saiam do país da servidão e caminhem em direção à liberdade. Longe das idolatrias que podem impedir o caminhar, deverá prevalecer o mandamento do amor. A libertação pascal acontece a partir do momento em que o discípulo missionário de Jesus sai de sua prisão pessoal e caminha em direção a Deus e a seus irmãos e irmãs, a fim de amá-los. A paixão e a morte de Jesus significam que é Deus, e não a força humana, que nos liberta de nossos limites e impossibilidades. Dessa forma, a

## Não deixeis que vos roubem a esperança

*Papa Francisco*



64 págs.

Compilação de traduções de audiências e discursos do Papa Francisco.

“O livro do Gênesis narra que Deus criou o homem e a mulher, confiando-lhes a tarefa de preencher a terra e submetê-la, que não significa explorá-la, mas cultivá-la e custodiá-la, cuidar dela com o próprio trabalho. O trabalho faz parte do plano de amor de Deus, nós somos chamados a cultivar e custodiar todos os bens da criação, e desse modo participamos na obra da criação! O trabalho, para usar uma imagem, nos “unge” de dignidade; torna-nos semelhantes a Deus, que trabalhou e trabalha, age sempre.”

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





interpretação do mistério pascal através desses óculos nos permite pensar em iniciativas de libertação de todos os oprimidos social, econômica, ideológica ou culturalmente. Os cristãos, ao vivenciar o programa de libertação presente na Páscoa, passam a colaborar com todos os que recusam o triunfo do ódio.

Por ser puro dom de Deus, a ressurreição preserva o ideal da libertação de todas as armadilhas que tentam prejudicar o ser humano. Nesse sentido, é possível e necessário compreender a ressurreição como uma realidade holística, ou seja, uma realidade que, produzida por Deus, busca a libertação integral do ser humano.

Uma cena com características curiosas: por correr mais depressa do que Pedro, um “outro discípulo” chegou antes ao sepulcro. Esse discípulo “que queria ver Jesus” viu e creu, conforme o evangelista. Todo o Evangelho de João reconhece a esse amigo de Jesus certa preeminência sobre Simão Pedro. Na manhã da Páscoa, é exatamente ele que tem a esplêndida intuição da fé no Ressuscitado. Uma fé libertadora, que se apresenta também como um presente do Deus vivo. Com a notícia do túmulo vazio, Pedro e o outro discípulo saem em desabalada carreira. Quem ama sai correndo em direção ao amado. Ao chegar ao túmulo e vê-lo vazio, o discípulo sem nome espera a chegada de Pedro. Ele não se considera superior a Pedro. É paciente e espera. Mas podemos muito bem compreender que somente aquele que mais ama consegue ver coisas que os outros não veem. Através dos olhos desse discípulo podemos ver que Jesus está vivo.

No primeiro dia da semana, conforme o texto bíblico, surge a nova criação que emerge da morte e ressurreição de Jesus. Foi num domingo que ele nos recriou, a partir de sua ressurreição. Muito possivelmente Maria Madalena representa a comu-

nidade que está sem a perspectiva da fé e, por isso, não consegue assimilar a morte de Jesus. Como poderia ter morrido aquele em quem depositávamos toda a nossa fé? Ao olhar para o túmulo, ela pensava que ali Deus havia atingido seu limite. Um lugar que ficaria permanentemente marcado no imaginário do povo como o local do fracasso de Deus. Todavia, ela busca algo para preencher o vazio de seu coração. Ela anseia por vida, dignidade e amor.

A fé sempre exige de nós algo mais. Todos podemos ver as mesmas coisas, mas somente aquele que olha com fé poderá transcender-se a partir do olhar. O discípulo amado viu exatamente as mesmas coisas vistas por Pedro. Pode-se dizer que a qualidade do olhar fez toda a diferença. Mesmo que tudo possa indicar o contrário, aquele que olha com fé continua a caminhar; vê além dos horizontes e, mesmo que seja inverno, consegue antecipar a primavera.

### III. Pistas para reflexão

– Pedro e Cornélio muitas vezes revivem em nossos comportamentos. Reiteradamente nos apresentamos como intolerantes e com o desejo de separar as pessoas. Somos preconceituosos em relação a tudo o que é diferente do que pensamos ou imaginamos e por conta disso, em vez de nos aproximarmos das pessoas, acabamos por nos afastar. Como evangelizar nesse caso?

– A Páscoa sempre deve ser vivenciada como novo êxodo. Porém, quais caminhos agora seguir? De que libertações precisamos? A experiência da Páscoa é mobilizadora, porque nos leva a caminhar. Jamais poderíamos vivenciar a Páscoa sem o sentimento de estarmos a caminho ou, até mesmo, de fazermos novo caminho em direção a uma sociedade onde caibam todos – uma sociedade de libertados que provoca a libertação.



2º DOMINGO DA PÁSCOA

12 de abril

# A experiência de fé na comunidade é a melhor experiência

## I. Introdução geral

Jesus já ressuscitou. Às vezes é mais fácil acreditar na ressurreição de Jesus do que permitir que o Ressuscitado viva em nós e através de nós. Muitas vezes não entendemos que a fé é comunitária. Queremos seguir por caminhos isolados, evitando encontros e conversas. Esquecemo-nos de que fazemos parte do Corpo de Cristo e de que isso indica total interdependência de todos os membros. Existimos na comunidade para o outro e o crescimento na fé acontece de forma comunitária. Todos são importantes e todos caminham juntos para o mesmo alvo e vocação: Jesus Cristo.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: At 4,32-35

Vida comunitária é sinônimo de partilha. É na comunidade que nos descobrimos para os outros. Nela percebemos que somente existimos relacionalmente. Na comunidade, irmãos e irmãs se comprometem a viver dedicadamente um para o outro. A primeira leitura nos traz um retrato da comunidade-modelo. Ao aderir à fé em Jesus, o discípulo vive na dimensão da partilha – “a multidão dos que acreditavam era um só coração e uma só

## Introdução à Teologia Fundamental

J. B. Libanio



A dimensão religiosa sofre fortemente o impacto da cultura. Por conseguinte, a cultura urbana moderna bate de cheio contra o imaginário tradicional, questionando-o ou mesmo desfanizando-o. Ao conhecer esse mundo cultural, ao menos de modo sumário, brotam perguntas à fé, às quais a Teologia Fundamental trabalha. Nessa introdução, J. B. Libanio abordou os elementos basilares dessa disciplina teológica, seu percurso histórico até a atualidade e suas perspectivas e desafios diante da evolução cultural e do quadro religioso contemporâneo.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





alma” (v. 32) – e, por conta disso, ninguém passará necessidade: “De fato, entre eles não havia nenhum necessitado” (v. 34).

Nesse novo estilo de vida não há necessidade de acúmulo. A noção que fundamenta essa percepção pode ser a seguinte: todas as vezes que acumulamos, deixamos um espaço vazio nos outros. Toda forma de acúmulo é inequívoco sinal de que algo falta para alguém sobreviver dignamente. Pode-se ler esse texto como clara crítica à nossa sociedade de consumo, que prioriza o individual em detrimento do comunitário. Nela, somos o que compramos e somente temos algum valor enquanto consumimos continuamente. De fato, estamos diante de um efeito perverso da prática da solidariedade. Afinal, como partilhar se nunca sobra nada? Como partilhar se todos os meus desejos ainda não foram satisfeitos e a probabilidade de um dia serem é muito remota? Fora do consumo, nesse sentido, não há salvação.

Atos 4,32-35 constitui uma fotografia da primeira comunidade que sempre deveria nos acompanhar. Nela encontramos a realidade primeira, o cotidiano e a forma de os primeiros discípulos e discípulas viverem a vida do Ressuscitado em comunhão uns com os outros. Ao olhar para a fotografia de ontem, podemos também olhar para a nossa realidade e refletir sobre se estamos perto ou longe do modelo deixado nos Atos dos Apóstolos.

## 2. II leitura: 1Jo 5,1-6

A segunda leitura nos indica o sinal por excelência que fala ao coração: o homem Jesus, em quem Deus se manifestou ao mundo. Em 1 João, a comunidade está inserida no mundo (na história) e não pode negá-lo. Ao contrário, mesmo no mundo, deve assumi-lo como um projeto missionário. Sem dúvida são projetos distintos, e, por isso, os conflitos emergirão cedo ou tarde. Mas é precisamente em meio aos conflitos da história que a comunidade dá o seu testemunho, vivendo à luz dos mandamentos.

Amar a Deus e praticar os mandamentos são as características dos discípulos. Somente é possível viver no mundo amando a Deus e praticando seus mandamentos. Diga-se, de passagem, que o texto bíblico não fala em memorizar os mandamentos, não se trata de recitação de belas palavras; mandamentos exigem a prática!

## 3. Evangelho: Jo 20,19-31

A repreensão dirigida a Tomé nos convida a distinguir entre a prova e o sinal. Mas a fé não admite nenhuma demonstração. Ela não pode fazer mais do que surgir livremente dos sinais que nos são propostos. Contemporaneamente, parece que tudo é reduzido a provas. Até mesmo canonizamos a prova em detrimento do sinal. Por que não dizer que a fé somente pode nascer do único lugar capaz de ler os sinais, isto é, do coração? Tomé sente a dúvida crescer quanto mais se afasta da comunidade. Somente no meio da comunidade é que podemos crescer no amor e na unidade. Apenas na comunidade é que podemos fazer a experiência de fé que nos leva ao coração do Ressuscitado. Tomé não tinha uma fé amadurecida. Ela se encontrava em processo de maturação. O texto do evangelho não chega a dizer se Tomé tocou em Jesus. Mas traz, em compensação, uma declaração pública de fé daquele que, a partir desse momento, passou a acreditar de todo o coração. No entanto, não podemos nos esquecer de que Jesus também dirige a cada um de nós uma palavra importante, que pode ser assim demonstrada: “Felizes os que creem sem ter visto”. Essa palavra nos retira da zona de conforto e nos leva a exercitar uma fé amadurecida e sincera. A experiência do Ressuscitado nos transforma em verdadeiros anunciadores da maior força que já existiu em toda a história humana, isto é, a única força capaz de vencer a morte!

Tomé quer acreditar, mas do jeito dele. Querendo acreditar, faz o caminho inverso. Parece um discípulo mesquinho que se afasta



do testemunho da comunidade. Ele somente acreditava segundo seus padrões já estabelecidos. Ao desejar uma manifestação pessoal e especial de Jesus ressuscitado, talvez estivesse desejando controlá-lo e manipulá-lo. Talvez quisesse um ressuscitado à sua imagem e semelhança. Ele individualiza a experiência comunitária ao dizer por três vezes: “Se eu não ouvir [...] se eu não colocar [...] se não colocar”. Egoisticamente reduz a experiência coletiva do Ressuscitado à sua própria experiência.

Portas fechadas indicam medo e insegurança. Pois é exatamente nesse ambiente marcado pelo medo que Jesus aparece, se coloca bem no meio dos discípulos e os saúda com a paz. O Cordeiro que havia vencido a própria morte se apresenta com os sinais da vitória. Há comunhão e alegria no ar. Uma demonstração de todos aqueles que se encontram com Jesus. E a partir do encontro, a comunidade se fortalece para a missão. Não se fazem discípulos sem missão. Ser discípulo é assumir responsabilidades, e não privilégios. Jesus bem sabia disso e, por isso, diz enfaticamente: “Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês” (Jo 20,21). Fortalecidos pela presença do Espírito, eles poderão estabelecer novas formas de convivência por meio das quais o pecado que separava uns dos outros cederá lugar ao reino do perdão e do amor mútuo.

Jesus chega trazendo a paz ao coração daqueles que estavam perturbados. Jesus é o doador da paz. Se o tirarmos do centro de nossa vida, teremos o caos inevitável. E ele não somente traz a paz, mas também pede que essa mesma paz seja levada a outras pessoas. Quem vai garantir a missão da comunidade é o Espírito Santo. Jesus, entre os seus, é o próprio criador da comunidade. Se a comunidade tem medo, agora ela passa a se guiar pela presença de Jesus ressurreto. Já não há espaço no coração para o medo, pois ele está totalmente ocupado com a presença de Jesus. Um Espírito que gera força e lembra simbolicamente a ação de Javé quando criou o ser humano.

## Coleção Creio na Alegria

Sandra Regina de Sousa e Tania Ferreira Pulier



Ajudam o catequista a orientar a criança no caminho da mistagogia, adentrando no Mistério Pascal de Cristo, que em sua morte e ressurreição deu-nos vida e filiação divina. Bebendo das fontes mais puras da Palavra, conhecendo a História da Salvação realizada por Deus e descobrindo a bondade do Senhor, a criança poderá crescer em sua vida de fé e ser iluminada, tornando-se de fato seguidora e anunciadora de Jesus Cristo. Atividades que divertem, ensinam e alimentam a fé. Além disso, em todos os encontros, o catequista terá textos narrativos, poesia, música, desenho, que ajudam a sensibilizar e envolver o catequizando para o tema e entrar vivencialmente nele.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



PAULUS



### III. Pistas para reflexão

– Somos desafiados, em nossa sociedade de consumo, a viver segundo o conceito de “suficiente”. Há a necessidade de fazermos uma autocrítica: a Igreja corre o sério risco de se descaracterizar, de perder sua identidade, tão peculiar e distinta das demais organizações da sociedade se adota mentalidades difusas, diferentes de sua índole própria e da especificidade cristã, como a mentalidade do acúmulo. E essa descaracterização faz que ela se massifique com base em uma mentalidade de informações superficiais que mais alienam do que produzem solidariedade. Não nos esqueçamos de que uma sociedade irrelevante, com um projeto irrelevante, também deseja uma Igreja com teologia e prática sem relevância.

– Todo discípulo é um missionário. O chamado de Jesus para a evangelização sempre foi plural. Nesse chamado todos somos incluídos. E, nesse caso, não há a necessidade de uma vocação sacerdotal para a realização da missão. Devemos, como discípulos e missionários de Jesus Cristo, florescer onde estamos plantados, seja em meio à família, na escola, no trabalho, entre os amigos etc.

3º DOMINGO DA PÁSCOA

19 de abril

## Testemunhando a fé no nome de Jesus ressuscitado

### I. Introdução geral

Somos chamados a viver como testemunhas da vida de Jesus Cristo. É possível dizer que as pessoas desejam ler a vida de Jesus refletida em nós. Nesse sentido, somos

as cartas vivas do evangelho. A força da ressurreição é companheira do movimento de Jesus. O Deus conosco se faz presente agora como o Ressuscitado. O espaço que se pensava que ficaria vazio, sendo habitado episodicamente pelo sentimento de saudade, seria de novo preenchido pelo Cristo ressuscitado. A missão tanto dos primeiros discípulos quanto de todos nós – discípulos e missionários de Jesus – seguirá e se desenvolverá com base na certeza da ressurreição e na força do Espírito: “Eis que enviarei sobre vocês o que meu Pai prometeu. Portanto, fiquem na cidade, até serem revestidos da força do alto” (Lc 24,49).

### II. Comentários aos textos bíblicos

#### 1. I leitura: At 3,13-15.17-19

Pedro, nos Atos dos Apóstolos, depois de recordar a paixão de Jesus, declara na presença de todo o povo: “Deus o ressuscitou de entre os mortos e nós somos testemunhas”. As testemunhas se apresentam de acordo com a substância da mensagem que anunciam. Os discípulos viveram essa mensagem até as últimas consequências, selando muitas vezes sua pregação com o martírio. O testemunho da vida é a prova mais incontestável da verdade do evangelho. Se somos discípulos missionários de Jesus, somos também as testemunhas preferenciais da boa-nova da sua ressurreição por meio de nossa palavra e ação. As pessoas somente acreditarão na palavra do evangelho quando virem esse mesmo evangelho refletindo e atuando em nossa existência.

O episódio aconteceu na porta do templo e causou profundo impacto tanto naquele que pedia esmola quanto nas pessoas que transitavam pelo local: “E ficaram cheios de admiração e de espanto com o que lhe havia acontecido” (v. 10). Pedro e João eram discípulos comprometidos com a oração e sabiam



de sua responsabilidade de discípulos. E bem ali, no pórtico de Salomão, aproveitando a oportunidade, testemunham sobre o Ressuscitado. Todavia, Pedro faz questão de que as pessoas desviem o olhar dele, para se fixarem em Jesus. Pedro sabe que não é ele próprio o centro das atenções: “E por que ficam olhando para nós tão atentamente, como se nós, com nosso próprio poder e piedade, tivéssemos feito esse homem caminhar?” (v. 12). Pedro redireciona o olhar da multidão. Ao apontar para Jesus, Pedro e João se afastam dos holofotes e afirmam que a cura somente aconteceu em decorrência da fé no seu nome e ressurreição, mas simultaneamente indicam que a restituição da saúde daquele homem também se configurava como uma denúncia ao julgamento que condenou a Jesus.

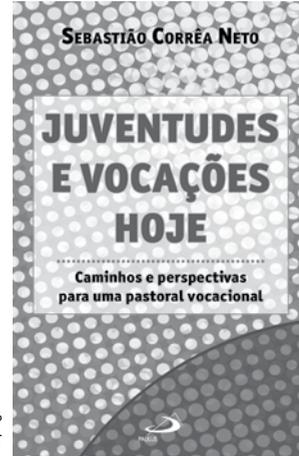
A fé no nome e na ressurreição de Jesus provoca um estado novo nas situações de atividade. A fé em Jesus expulsa os horrores do caos que impõe medo e afasta as pessoas de gestos de solidariedade. A cura de determinado homem acontece não por meio de magia ou de algum conhecimento secreto; assim como também não acontece por causa de Pedro e João. A fonte da cura reside unicamente em Jesus: “Pela fé no nome de Jesus, é pelo seu nome que foi fortalecido este homem que vocês estão vendo e reconhecendo” (v. 16). Diante desse fato inegável, Pedro pode insistir num convite ao arrependimento e à conversão: “Arrependam-se, portanto, convertam-se, para que os pecados de vocês sejam perdoados” (v. 19).

## 2. II leitura: 1Jo 2,1-5a

Na segunda leitura, João insiste no papel que a ação possui no testemunho: “E nisto sabemos que o conhecemos: em que guardamos seus mandamentos. Quem diz: ‘Eu o conheço’ e não guarda seus mandamentos, é um mentiroso e a verdade não está com ele”. O amor de Deus se realiza plenamente em quem guarda sua palavra. Não se conhece a Deus teorica-

### Juventude e vocações hoje Caminhos e perspectivas para uma pastoral vocacional

Sebastião Corrêa Neto



A nova realidade pós-moderna dificulta o encontro vocacional. Este livro oferece duas linhas de trabalho: o acompanhamento da evangelização da juventude com seus desafios atuais e o contexto de formação presbiteral. “Apaixonados por uma Igreja que se deixa evangelizar, que escuta e oferece como serviço humilde aquilo que carrega em vasos de barro; uma Igreja que saiba contemplar o divino no jovem e o cativo pelo amor.” Padre Sebastião Corrêa Neto é graduado em Filosofia e Teologia pela PUC-Minas e pós-graduado em Formação Presbiteral pelo ISTA. Especializou na formação e evangelização da juventude.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**



PAULUS



mente. Não é suficiente saber que ele existe. É fundamental vivenciá-lo no cotidiano, com base na prática de seus mandamentos. A vida de Jesus não pode ser resumida a uma teoria nem muito menos a uma bela história. Discípulos verdadeiros são aqueles que engravidam o cotidiano de Jesus Cristo.

João é muito explícito quando escreve: “o amor de Deus se realiza plenamente em quem guarda sua palavra” (v. 5). A plenitude de Deus e de seu amor em nós passa pela ação e neutraliza a passividade. Um amor que nos tira da zona de conforto e nos leva em direção ao outro. A observância dos mandamentos tem como ponto mais fundamental justamente o amor entre os membros da comunidade. Plenificados do amor de Deus, rompemos com o egoísmo e o isolamento e semeamos solidariedade. No Antigo Testamento, principalmente nos profetas, o conhecimento de Deus passa pelos gestos de solidariedade e de compromisso com os mais fracos. Pode-se dizer, portanto, que tantas e quantas vezes formos em socorro dos mais pobres, também estaremos indo ao encontro de Deus e de seu conhecimento (veja Jeremias 22,13-19).

### 3. Evangelho: Lc 24,35-48

De que valem as testemunhas? O relato de Lucas sugere, antes de mais nada, a insuficiência do contato visual somente. A cena impressiona: assustados, os onze e seus companheiros imaginam que veem um fantasma. A palavra do Ressuscitado é acrescentada à sua aparência e os discípulos passam a compreender melhor. No entanto, os que ouvem ficam ainda mais surpresos com a ação dele: Jesus come diante deles um pedaço de peixe assado.

Jesus ressuscitado aparece em meio ao cotidiano dos discípulos. Eles estavam conversando sobre os últimos acontecimentos quando o Mestre se apresenta. Não se tratava de um delírio ou de mera sugestão da mente. Jesus faz questão de que, diante do medo e da perturbação sentida, eles o toquem. Não,

realmente não se tratava de um espírito. Trata-se, sim, da restauração da dignidade plena e total do ser humano. A morte e a ressurreição de Jesus são a leitura que a comunidade dos discípulos faz de sua solidariedade numa situação limite do ser humano. Um Deus que não abandona o ser humano numa situação crítica e ainda infunde esperança. A ressurreição é consequência de Jesus preso à cruz; e a cruz simbolicamente não está ligada a nenhum bem: nela reside o encontro da dor, do sofrimento e do fracasso. Entretanto, na ressurreição nasce a promessa e a esperança de que não haja mais pobres.

A dúvida e o receio a que Jesus faz referência: “Por que vocês estão perturbados? E por que surgem dúvidas no coração de vocês?”, certamente dizem respeito à sua inusitada presença, mas também podemos refletir sobre os medos que rondavam os discípulos relativamente às ameaças que pairavam no ar por conta do assassinato de Jesus, bem como sobre as dúvidas que povoavam os corações: “Que será de nós e de nosso movimento? Será que tudo acabou?”

Nota-se algo fundamental nas palavras de Jesus para entender a qualidade radical do seu projeto – a presença central das Escrituras: “São estas as palavras que eu lhes falei quando ainda estava com vocês. Tinha de se cumprir tudo o que sobre mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’. Então abriu a inteligência deles, para que compreendessem as Escrituras” (Lc 24,44-45). Definitivamente, não há como ser discípulo distanciado das Sagradas Escrituras. Nela nos alimentamos diariamente com o projeto libertador e salvador de Jesus Cristo, manifestado desde a ação solidária de Javé libertando os escravos no Egito.

### III. Pistas para reflexão

– Descubrimos mais sobre Jesus e seu projeto meditando nas Sagradas Escrituras.



Jesus nos dá clara indicação de que devemos nos relacionar com as Sagradas Escrituras diariamente. Meditar nelas dia e noite (cf. o Salmo 1) deveria ser nosso objetivo. Mas, para alcançar esse objetivo, não basta ir à igreja. Faz-se necessário, também, frequentar um grupo de reflexão ou um círculo bíblico, a fim de mergulhar na Palavra de Deus e, a cada dia, conhecer mais de Jesus e de seu projeto de vida.

– Ser testemunha é viver uma vida diferenciada. Mas diferenciada de quê? Basta pensarmos que, em meio a uma sociedade de morte, devemos semear vida; em meio a uma sociedade que gera medo, devemos semear esperança; em meio a uma sociedade fundamentada no acúmulo, devemos viver a prática da partilha; em meio a uma sociedade que marginaliza os pobres e cria desigualdades, devemos viver o projeto de uma comunidade inclusiva. Quando testemunhamos a Jesus, estamos dizendo à sociedade que há um modo de vivermos em grande fraternidade!

4º DOMINGO DA PÁSCOA

26 de abril

# Ser conhecido e reconhecido pelo Bom Pastor

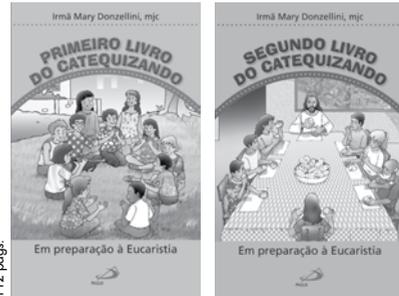
## I. Introdução geral

Todos querem ser conhecidos e reconhecidos pelo Bom Pastor. Ser conhecido e reconhecido é condição vital para a construção de uma identidade sadia. O Bom Pastor é aquele que se relaciona pessoalmente com cada uma de suas ovelhas. Delas sabe o nome e com elas interage. Há sociabilidade, ou seja, não são estranhos um para com o outro. E

### COLEÇÃO DE CATEQUESE

#### Primeiro livro do catequizando e Segundo livro do catequizando

*Irmã Mary Donzellini*



112 págs.

Esperamos que este subsídio possa ajudar a pastoral bíblico-catequética da preparação à Primeira Eucaristia, fazendo crescer a fé de todos aqueles que participam dos encontros catequéticos. Traz ilustrações coloridas e algumas dinâmicas para incentivar a criatividade dos que preparam os encontros catequéticos.

#### Livro do catequista Fé, Vida, Comunidade

*Irmã Mary Donzellini*



352 págs.

Tem o objetivo de fazer com que catequistas e catequizandos percorram juntos a vivência do princípio de interação fé/vida. Apresenta a história do povo de Israel, a prática de Jesus, e a caminhada da Igreja, especialmente na América Latina e no Brasil.

Ilustrações meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

**paulus.com.br**





para além disso, os textos insistem em registrar a unicidade do Bom Pastor, ou seja, ele é um só: existe somente uma pedra angular e em nenhum outro há salvação. Para Lucas, a salvação significa a libertação dos seres humanos do mal – seja ele físico, político, social, moral – e a restauração do humano a um estado de integridade.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: At 4,8-12

A declaração de Pedro na primeira leitura – “Jesus se converteu em pedra angular; nenhum outro pode salvar e, sob o céu, não foi dado nenhum outro nome que possa nos salvar” – recorda-nos que Deus, por meio de seu Filho, fala a todos os seres humanos. E para reforçar sua proclamação de caráter querigmático, Pedro introduz uma alusão ao Antigo Testamento (Salmo 118,22: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular”), revelando o plano divino a que pertence tudo o que havia acontecido. Todavia, Pedro faz uma modificação no texto dos Salmos para aplicá-lo a Jesus. É necessário que os “outros” possam escutar a voz do único e verdadeiro pastor. Pedro não economiza palavras para afirmar que o nome de Jesus é a fonte de poder acerca da qual haviam perguntado.

Pedro fala inspirado pelo Espírito Santo e introduz o Espírito em sua função de inspirador da declaração profética em um momento crucial. O apóstolo dirige sua explicação não somente às autoridades religiosas de Jerusalém, mas também a todo Israel. Dessa forma, continua seu testemunho apostólico em Jerusalém, ao mesmo tempo que o transforma em um discurso missionário dirigido a todo Israel. Em seu discurso, Pedro repete a essência do querigma primitivo, isto é, crucificação-

-morte-ressurreição, e ressalta o contraste entre “vós” e “Deus”, entre a conduta humana culpável e a ação corretiva e curadora de Deus.

Conforme a mensagem de Jesus vai sendo anunciada e as pessoas vão mudando radicalmente de vida, as autoridades se sentem incomodadas. O texto da primeira leitura incomoda e revela a complexidade do ser humano revelada nas palavras de Pedro: “estamos sendo interrogados porque fizemos o bem”. Parece que a perplexidade de Pedro também é a nossa! Mas a mensagem de Jesus não pode ficar aprisionada. Trata-se de uma palavra para atingir diretamente o coração das pessoas. Por isso, Pedro discursa cheio do Espírito Santo. Ele não fala de si mesmo, e sim da perspectiva do reino. É corajoso ao denunciar as autoridades como responsáveis pela morte de Jesus. Pedro não teme as autoridades. Sua vida está completamente entregue e dedicada a Jesus.

### 2. II leitura: 1Jo 3,1-2

Nossa posição relativamente a Deus é maravilhosa, ou seja, uma posição que nos permite ser chamados de filhos de Deus. Mas devemos notar que esse é um privilégio dado a cada um de nós. Uma posição outorgada por Deus. Por conta disso, não desenvolvemos a arrogância, como se a filiação divina fosse uma conquista nossa. O que somos não depende de nós, mas do Deus que em nós habita.

Nesse sentido, há um passivo teológico. A posição que adquirimos não é fruto de nossa inteligência, de algum conhecimento secreto, de nossos esforços ou ainda de alguma presumida integridade de vida. A ação que transforma vem de fora para dentro. Trata-se de ação divina e, por isso, tem em Deus tanto o princípio quanto o final de todas as coisas.

Nossa posição em Cristo nos faz conhecidos por ele e conhecedores dele. Mas também estabelece o contraste com o mundo. O



mundo não nos conhece porque também não conheceu a Deus. Desde o início são enfatizados, portanto, dois estilos de vida: um marcado pelo amor e pela prática da justiça e outro fundamentado no ódio e na prática da injustiça.

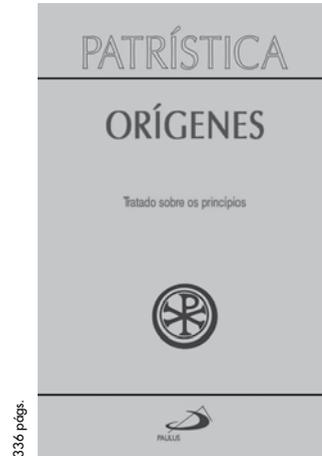
### 3. Evangelho: Jo 10,11-18

A terceira leitura nos propõe a figura do bom pastor. Nela se diz que o mercenário, para quem as ovelhas realmente não possuem nenhum valor, as abandona e foge ao menor sinal de perigo. Gregório Magno (540-604) faz uma belíssima aproximação dessa passagem: “Fora do caso de perigo, não parece tão fácil saber quem é pastor e quem é mercenário. Com efeito, se o tempo de calma fosse prolongado, tanto o mercenário quanto o pastor vigiarão o rebanho. Somente a chegada do lobo demonstra com que espírito cada um cumpre suas funções. O lobo se apodera das ovelhas quando um homem iníquo ou um bandido intenta oprimir aos crentes. Aquele que tinha apenas aparência de pastor, porém sem de fato o ser, abandona, portanto, as ovelhas e foge. Como teme pelo perigo, não tem coragem suficiente para se opor aos ataques injustos. E foge, não já no sentido de que abandona seu lugar, mas porque nega aos fiéis o apoio que esperavam. Foge porque, havendo comprovado a injustiça, se cala. Foge no sentido de que se fecha em uma absoluta solidão”.

A crítica formulada pelo Evangelho de João se refere a certos líderes do judaísmo e da Igreja primitiva. Trata-se de como servimos à comunidade com os nossos dons e capacidades. Estamos dispostos a entregar nossa capacidade, nosso tempo, nossas competências para o bem daqueles que lideramos? Ou de fato preferimos uma mentalidade de mercenários à solicitude do verdadeiro pastor? No Antigo Testamento, particularmente em Ezequiel 34, encontramos palavras que criticam os pastores (reis e governantes) que

#### Patrística Tratado sobre os princípios

Orígenes



336 págs.

Entre os escritores eclesíásticos da Igreja antiga, a figura de Orígenes destaca-se pela personalidade ímpar, pela vastíssima produção literária, pela profundidade teológica, espiritual e exegética de seus escritos. Em vista de introduzir o leitor na compreensão de uma das principais obras de Orígenes, traduzida pela primeira vez em português, esta obra percorre o seguinte itinerário: uma breve síntese biográfica, um resumo dos principais testemunhos da tradição textual, um comentário sobre o título original *Peri Archôn*, e, por fim, outro referente a esta edição brasileira. O livro pertence à coleção “Patrística”, a mais completa quando se trata de apresentar os textos dos Pais e Mães da Igreja.

Orígenes minuciosamente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)





pastoreiam a si mesmos: “Ai dos pastores de Israel que são pastores de si mesmos [...]. Não é do rebanho que os pastores deveriam cuidar?” E, logo a seguir, Javé é descrito como o Bom Pastor: “Eu mesmo vou procurar minhas ovelhas para cuidar delas [...]. Eu mesmo conduzirei minhas ovelhas para o pasto e as farei repousar” (Ez 34,15).

Em João 10,11-18, por duas vezes Jesus se expressa dizendo que é o Bom Pastor: “Eu sou o Bom Pastor” (vv. 11 e 14), enfatizando, possivelmente, o contraste e a diferença em seu modo de agir. Diferentemente dos mercenários, ele não busca os próprios interesses. O centro de sua preocupação é a vida plena da comunidade. Jesus se descentraliza e caminha em direção aos outros. Enquanto os mercenários se fecham em si mesmos e se utilizam dos outros para seu benefício pessoal, a relação de Jesus com as ovelhas é de plena identificação. Não há muros ou barreiras que causem obstáculos. Cria-se relacionamento interpessoal entre ambos: “Conheço minhas ovelhas e elas me conhecem”.

### III. Pistas para reflexão

– Há uma diferença muito grande e essencial entre o bom pastor e o mercenário: enquanto o primeiro protege e doa a própria vida para proteger a ovelha, o segundo pensa somente de acordo com os próprios interesses e benefícios; o primeiro sai de si para pensar no bem coletivo, e o segundo resume a vida a si mesmo e considera as pessoas como sujeitas ao seu serviço.

– Uma sociedade marcada por individualismo, egoísmo, violência, consumismo, intolerância e ódio há de se espantar com o estilo de vida do discípulo de Jesus. Todo discípulo deve se apresentar como sal da terra e luz do mundo. Nesse sentido, ser discípulo traz o significado profundo de causar diferença nos lugares por onde vive e passa. Fundamentalmente, o discípulo é um espelho que reflete a própria vida de Jesus. Assim, uma pergunta se torna essencial: em seus passos, que faria Jesus? ●

## LITURGIA DIÁRIA

O periódico LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus na liturgia e na leitura pessoal; favorece uma melhor assimilação e compreensão da liturgia da missa.

As edições são mensais e trazem as leituras e orações da missa de cada dia, comentários, preces, pequenas biografias dos santos das memórias a serem celebradas, partes fixas da missa, orações eucarísticas e roteiros de outras celebrações.

**Para fazer assinatura entre em contato com o setor de assinaturas da Paulus:**

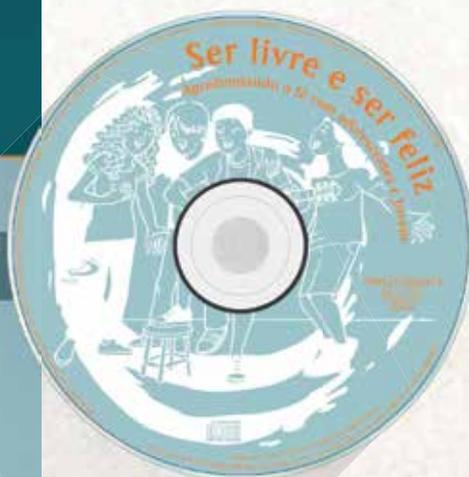
**Tel.:** (11) 3789-4000 • 0800-164011

**E-mail:** assinaturas@paulus.com.br



## O SERVIÇO DA CATEQUESE PELOS CAMINHOS DA JUVENTUDE

Auxílio e aprofundamento da fé cristã na busca da felicidade, especialmente para catequizandos na idade adolescente e jovem.



204 PÁGS. - LIVRO COM CD

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

### VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011  
vendas@paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

# FRUTOS DE INESPERADA PRIMAVERA

Coleção *Marco Conciliar* comemora **50 anos** de grandes mudanças do **Concílio Vaticano II**



112 páginas

168 páginas

140 páginas

128 páginas

**O CONCÍLIO VATICANO II E OS POBRES**  
*Maria Cecília Domezi*

**VATICANO II 50 ANOS DE ECUMENISMO NA IGREJA CATÓLICA**  
*Elias Wolff*

**LITURGIA NO VATICANO II NOVOS TEMPOS DA CELEBRAÇÃO CRISTÃ**  
*Antônio Sagrado Bogaz e João Henrique Hansen*

**DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA E O VATICANO II**  
*Luiz Gonzaga Scudeler*

**VENDAS:**  
11 3789-4000 | 0800-164011  
vendas@paulus.com.br

 pauluseditora.official  
 editorapaulus  
 paulus.com.br

